

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

BIANCA RODRIGUES COSTA

O COLETIVO FEMININO “VARAL DAS MINA”

PONTA GROSSA
2025

BIANCA RODRIGUES COSTA

O COLETIVO FEMININO “VARAL DAS MINA”

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração: Cidadania e Políticas Públicas, Linha de Pesquisa: Estado, Direitos e Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha

PONTA GROSSA

2025

C837 Costa, Bianca Rodrigues
O coletivo feminino "Varal das Mina" / Bianca Rodrigues Costa. Ponta Grossa, 2025.
102 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha.

1. Economia alternativa. 2. Economia feminista. 3. Economia solidária. 4. Sustentabilidade. 5. Trabalho feminino. I. Cunha, Luiz Alexandre Gonçalves. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cidadania e Políticas Públicas. III.T.

CDD: 331.4

TERMO DE APROVAÇÃO

BIANCA RODRIGUES COSTA

“O coletivo feminino Varal das Mina”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 16 de setembro de 2025.

Assinatura pelos membros da Banca

Prof.Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha
UEPG-PR – Presidente

Documento assinado digitalmente
 LUIZ ALEXANDRE GONCALVES CUNHA
Data: 17/09/2025 10:03:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Cíntia de Souza Batista Tortato
IFPR-PR - Membro Externo

Documento assinado digitalmente
 CINTIA DE SOUZA BATISTA TORTATO
Data: 17/09/2025 10:21:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Reidy Rolim de Moura
UEPG-PR – Membro Interno

Documento assinado digitalmente
 REIDY ROLIM DE MOURA
Data: 17/09/2025 11:05:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, pela saúde e por me guiar em cada passo desta jornada, fortalecendo-me nos momentos difíceis e iluminando meus caminhos.

Esta dissertação carrega um significado especial. Foi construída em meio a uma extensa jornada de trabalho, conciliando responsabilidades profissionais e acadêmicas, muitas vezes em noites curtas e dias longos. Cada página é fruto de resiliência, disciplina e fé no poder transformador do conhecimento. Mais que um objetivo pessoal, a maior motivação para que ela acontecesse foi o desejo profundo de gerar algum retorno ao coletivo feminino Varal das Mina, fortalecendo sua história, suas práticas e a relevância social que carrega.

Dedico este trabalho ao Varal das Mina, que marcou e transformou minha trajetória muito antes de se tornar objeto de estudo. Foi um espaço de acolhimento, afeto e construção coletiva, onde conheci mulheres inspiradoras que me ensinaram, na prática, a força do trabalho colaborativo e do apoio mútuo. Ali, aprendi que economia também é afeto, cuidado e sustentabilidade; que produzir e vender pode ser um ato de resistência e de transformação social. No Varal, vivi amizades, trocas de saberes, superações e a certeza de que, mesmo em meio às dificuldades, é possível criar redes que sustentam sonhos. Ele não foi apenas um capítulo da minha vida — foi um lar coletivo que impulsionou a jovem Bianca, em busca de uma renda complementar, a descobrir um universo inteiro de possibilidades.

Sou grata aos professores e professoras que fizeram parte dessa trajetória, em especial ao meu orientador, Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha (“Prof. Cunha”), que me acompanha desde os tempos de extensionista na graduação até o presente. Agradeço também à Prof.^a Dra. Reidy Rolim de Moura, cuja presença foi constante e multifacetada: orientadora de extensão, coordenadora de projeto, supervisora de estágio de docência, ouvinte atenta e parceira de risadas.

Às amigas Evelin e Letícia, com quem compartilhei o caminho da graduação ao mestrado, agradeço por uma amizade que ultrapassa o ambiente acadêmico e pela certeza de que continuaremos nos apoiando nos desafios futuros — quem sabe, até no doutorado.

Por fim, agradeço à minha família, especialmente à minha avó e ao meu pai, que desde a infância me incentivaram, mostrando o valor dos estudos em cada livro

que colocavam em minhas mãos e acreditando, sempre, no meu potencial para alcançar voos cada vez mais altos.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de estudo o coletivo feminino **Varal das Mina**, localizado na cidade de Ponta Grossa (PR), com o objetivo de compreender como esta experiência concreta se insere no campo das **economias alternativas**, especialmente nas vertentes feminista, solidária, sustentável e circular. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com inspiração na **pesquisa participante**, e utiliza como técnicas de coleta de dados: observação participante, entrevistas semiestruturadas e questionário socioeconômico aplicado a 34 participantes do coletivo. O referencial teórico articula contribuições da economia feminista (Carrasco, Orozco, Federici), da economia solidária (Singer, Gaiger), da economia sustentável (Sachs) e da economia circular (Stahel), além de autores clássicos como Karl Polanyi. Os resultados evidenciam que o Varal das Mina constitui um espaço de resistência e organização econômica protagonizada por mulheres, que mobiliza práticas de cuidado, autogestão e reaproveitamento de materiais como formas de geração de renda e de questionamento à lógica hegemônica de mercado. A pesquisa aponta ainda para tensões entre os princípios coletivos das economias alternativas e os discursos contemporâneos do empreendedorismo individual, revelando a complexidade das estratégias adotadas por mulheres em contextos de precarização e desigualdade estrutural. Trata-se, assim, de uma experiência territorial com forte relevância social, política e ecológica, que contribui para o debate sobre justiça econômica, gênero e transformação local.

Palavras-chave: Economia alternativa. Economia feminista. Economia solidária. Sustentabilidade. Trabalho feminino.

ABSTRACT

This dissertation examines the **Varal das Mina** women's collective, located in the city of Ponta Grossa (Brazil), with the aim of understanding how this grassroots initiative is positioned within the field of **alternative economies**, particularly through feminist, solidarity-based, sustainable, and circular approaches. The study adopts a qualitative methodology, inspired by **participatory research**, and combines data collection techniques such as participant observation, semi-structured interviews, and a socioeconomic questionnaire applied to 34 members of the collective. The theoretical framework draws on contributions from feminist economics (Carrasco, Orozco, Federici), solidarity economy (Singer, Gaiger), sustainable development (Sachs), and circular economy (Stahel), in addition to classical references such as Karl Polanyi. The findings reveal that Varal das Mina represents a space of resistance and economic organization led by women, where practices of care, self-management, and material reuse are mobilized as strategies for income generation and as critiques of market-centered logics. The research also identifies tensions between the collective principles of alternative economies and contemporary discourses of individual entrepreneurship, highlighting the complexity of strategies adopted by women in contexts of precarity and structural inequality. This case offers a socially, politically, and ecologically relevant experience that contributes to debates on economic justice, gender, and local transformation.

Keywords: Alternative economy. Feminist economics. Solidarity economy. Sustainability. Women's labor.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Post do Instagram do Varal das Mina sobre o surgimento do coletivo.....	25
FIGURA 2 - Post do Instagram do Varal das Mina alusivo a Edição “Recomeço”.....	26
FIGURA 3 - Legenda do post do Instagram do Varal das Mina alusivo a Edição “Recomeço”.....	27
GRÁFICO 1 - Faixa Etária das Participantes do Varal das Mina.....	33
GRÁFICO 2 - Distribuição Étnico-Racial das Participantes do Varal das Mina.....	34
GRÁFICO 3 - Estado Civil das Participantes do Varal das Mina.....	35
GRÁFICO 4 - Número de Filhos das Participantes do Varal das Mina.....	36
GRÁFICO 5 - Distribuição por Tipo de Moradia da Participantes do Varal das Mina.....	38
GRÁFICO 6 - Varal das Mina como Principal Fonte de Renda das Participantes.....	39
GRÁFICO 7 - Outras Fontes de Renda das Participantes do Varal das Mina.....	40
GRÁFICO 8 - Participantes dos Varal das Mina e a Responsabilidade pelo cuidado de outras pessoas.....	43
GRÁFICO 9 - Nível de Escolaridade das Participantes do Varal das Mina.....	44
GRÁFICO 10 - Participantes do Varal das Mina que são Responsáveis pelo Sustento da Casa.....	45
GRÁFICO 11 - Distribuição das participantes do Varal das Mina por Bairro.....	47
GRÁFICO 12 - Linha do Tempo de Participação no Varal das Mina (2019-2024).....	48
GRÁFICO 13 - Produtos Comercializados no Varal das Mina.....	49
GRÁFICO 14 - Participantes do Varal das Mina que Possuem Registro de MEI ou Outro Tipo de CNPJ.....	51
QUADRO 1 - Motivações declaradas pelas participantes do Varal das Mina.....	54
GRÁFICO 15 - Percepção das Participantes Sobre a Inserção do Varal das Mina em Forma de Economia.....	56
QUADRO 2 - Respostas das Participantes do Varal das Mina à pergunta “Como você descreve as formas de economia que selecionou na questão anterior?”.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IESOL	Incubadora de Empreendimentos Solidários
MEI	Microempreendedor Individual
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SENAES	Secretaria Nacional de Economia Solidária

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ECONOMIAS ALTERNATIVAS.....	13
1.1 TRABALHO.....	14
1.2 ECONOMIAS ALTERNATIVAS.....	16
1.3 GÊNERO E ECONOMIAS ALTERNATIVAS: UM OLHAR A PARTIR DA PESQUISA. 19	
1.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	21
2 CONHECENDO O COLETIVO FEMININO “VARAL DAS MINA”	24
2.1 FORMALIZAÇÃO JURÍDICA E ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO VARAL DAS MINA.....	29
2.2 PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS PARTICIPANTES DO VARAL DAS MINA.....	31
2.2.1 Faixa Etária.....	32
2.2.2 Etnia/Raça.....	34
2.2.3 Estado Civil e Composição Familiar.....	35
2.2.4 Maternidade.....	36
2.2.5 Composição Familiar.....	37
2.2.6 Fonte de Renda.....	39
2.2.7 Responsabilidade com o Cuidado.....	43
2.2.9 Responsabilidade pelo Sustento da Casa.....	45
2.2.10 Distribuição por Bairros.....	46
2.2.11 Ano de Início de Participação.....	48
2.2.12 Produtos Comercializados.....	49
2.2.13 Formalização.....	50
2.2.14 Motivação.....	52
2.2.15 Relação do Coletivo com as Economias Alternativas Segundo as Participantes.....	56
2.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM AS ORGANIZADORAS DO COLETIVO VARAL DAS MINA.....	62
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICE A - RESPOSTAS DAS PARTICIPANTES DO VARAL DAS MINA ÀS PERGUNTAS ABERTAS DO QUESTIONÁRIO.....	72
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM AS ORGANIZADORAS DO COLETIVO.....	79
ANEXO A - PARECER DE APROVAÇÃO CEP.....	86
ANEXO B - ESTATUTO DO COLETIVO VARAL DAS MINA.....	90

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objeto de estudo o coletivo feminino Varal das Mina, localizado na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Criado em 2018, o coletivo reúne mulheres que atuam de forma autônoma com brechós, artesanatos, roupas de segunda mão e outras formas de produção criativa. Com base em valores como sustentabilidade, apoio mútuo, autonomia financeira e protagonismo feminino, o coletivo se consolida como um espaço de resistência e reinvenção do trabalho, desafiando os modelos tradicionais de produção e consumo impostos pelo capitalismo neoliberal.

A escolha pelo Varal das Mina como objeto de pesquisa não é fortuita. Trata-se de uma experiência da qual a pesquisadora participou diretamente, inicialmente como expositora (entre 2018 e 2022) e, posteriormente, como integrante da equipe organizadora (de 2022 a 2024). Essa inserção direta possibilitou o desenvolvimento de um olhar sensível e comprometido com a vivência das mulheres envolvidas, além de permitir a observação cotidiana das práticas de autogestão, cooperação e enfrentamento das múltiplas formas de opressão — de gênero, classe e raça — que marcam suas trajetórias.

O processo de investigação foi intensificado durante minha atuação profissional na IESOL – Incubadora de Empreendimentos Solidários da UEPG, onde atuei como técnica de campo entre março de 2023 e março de 2024. Essa experiência ampliou minha compreensão sobre os desafios e potências dos empreendimentos de economia solidária, fornecendo uma base comparativa e analítica para refletir sobre a construção coletiva do Varal das Mina. Ao acompanhar outros empreendimentos incubados, pude observar padrões comuns de precariedade, informalidade, inovação e resiliência que atravessam iniciativas lideradas por mulheres em territórios populares.

A presente pesquisa parte da seguinte problemática: como o coletivo Varal das Mina se estrutura enquanto prática concreta de economia alternativa, especialmente nos campos da economia feminista, solidária, circular e sustentável, e quais são as tensões e contradições que emergem desse processo? Essa pergunta desdobra-se em reflexões sobre a coexistência de lógicas coletivas e individuais, sobre o impacto do cuidado nas trajetórias produtivas femininas e sobre as formas

de resistência criadas por mulheres diante da informalidade estrutural e da exclusão do mercado formal.

Dessa forma, o objetivo geral da dissertação é compreender como o coletivo Varal das Mina configura-se como uma experiência territorial de economia alternativa, a partir da análise de seus sentidos, práticas, contradições e potencialidades. Os objetivos específicos são:

- Discutir os fundamentos conceituais e históricos das economias alternativas no contexto do capitalismo contemporâneo;
- Contextualizar a trajetória do coletivo Varal das Mina, desde seu surgimento até sua formalização como associação em 2024;
- Analisar o perfil socioeconômico das participantes do coletivo, bem como suas motivações e percepções sobre economia, cuidado e trabalho;
- Identificar a relação entre as práticas do coletivo e os princípios das economias alternativas, como solidariedade, autogestão e circularidade;
- Refletir sobre os tensionamentos entre discursos de empreendedorismo individual e práticas colaborativas no cotidiano do coletivo.

A relevância da pesquisa se ancora em múltiplas dimensões. No plano social, dá visibilidade a formas de organização econômica protagonizadas por mulheres em contextos de vulnerabilidade. No plano acadêmico, contribui para os debates sobre gênero, economia e território, oferecendo uma análise empírica situada. E no plano político, fortalece a compreensão crítica sobre o papel das economias alternativas na construção de estratégias de sobrevivência, resistência e transformação social.

O referencial teórico mobiliza autores e autoras do campo da economia solidária (Singer, Gaiger), da economia feminista (Carrasco, Orozco, Federici, Mies), da economia sustentável (Sachs, Leff) e da economia circular (Stahel), além de clássicos como Karl Polanyi, cujas contribuições são fundamentais para pensar a economia como fenômeno social e histórico. Os debates sobre gênero, trabalho e

interseccionalidade são aprofundados a partir das perspectivas de Judith Butler, Heleieth Saffioti, Crenshaw e Gonzalez.

A metodologia adotada é qualitativa, com inspiração na pesquisa participante, ancorada na observação direta, na escuta sensível e no compromisso ético com as mulheres envolvidas. Foram utilizadas três principais técnicas: observação participante, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionário socioeconômico. A análise dos dados baseou-se na análise de conteúdo (Bardin, 2011), com categorias temáticas derivadas dos objetivos da pesquisa.

A dissertação está organizada em três capítulos, além desta introdução:

- O Capítulo 1 apresenta os marcos teóricos e históricos das economias alternativas, com ênfase nos debates sobre trabalho, gênero, cuidado e sustentabilidade;
- O Capítulo 2 descreve a trajetória do Varal das Mina, sua organização interna, seus princípios e a inserção territorial, destacando a experiência da pesquisadora enquanto participante e organizadora;
- O Capítulo 3 analisa os dados empíricos, cruzando o perfil socioeconômico das participantes com suas percepções, práticas e desafios, buscando identificar o grau de aderência (ou tensão) com os princípios das economias alternativas.

Com essa estrutura, a pesquisa busca evidenciar como iniciativas populares lideradas por mulheres periféricas constroem, na prática, alternativas econômicas enraizadas na coletividade, no cuidado e na solidariedade — mesmo sob a pressão das lógicas de mercado e da precariedade estrutural. Trata-se de valorizar saberes populares, experiências de resistência e formas plurais de viver a economia, que recolocam a vida no centro da análise.

1 ECONOMIAS ALTERNATIVAS

O primeiro capítulo desta pesquisa examina os fundamentos históricos e conceituais do trabalho e das economias alternativas, estabelecendo uma base teórica essencial para a compreensão do estudo. A partir da conceituação do trabalho e da análise de sua evolução histórica, busca-se entender como o significado dessa atividade se transformou, especialmente em relação às condições socioeconômicas e às mudanças tecnológicas que acompanharam o desenvolvimento das sociedades.

Inicialmente, o capítulo busca explorar as diferentes abordagens sobre o conceito de trabalho, abordando tanto as visões clássicas como as contribuições contemporâneas. O objetivo é contextualizar a relação entre trabalho e transformação social, destacando o papel central que essa atividade desempenha na estruturação das sociedades modernas. Desde a Revolução Industrial até o advento da Quarta Revolução Industrial, o capítulo evidencia como o trabalho e suas relações têm sido impactados por inovações tecnológicas e reestruturações econômicas.

Na segunda parte do capítulo, o foco se desloca para as economias alternativas. São exploradas diversas vertentes, como a economia solidária, a economia circular, a economia feminista, entre outras, que buscam propor modos de organização econômica pautados na inclusão, solidariedade, sustentabilidade e justiça social. Por meio dessas abordagens, o capítulo estabelece as bases teóricas para compreender como iniciativas como o coletivo "Varal das Mina" incorporam e adaptam essas perspectivas em suas práticas cotidianas.

Ao longo deste capítulo, a análise se concentra na forma como esses conceitos de trabalho e economia alternativa se inter-relacionam e servem de inspiração para práticas econômicas que visam o bem comum. Essa fundamentação é essencial para contextualizar o estudo de caso e entender como o "Varal das Mina" representa uma alternativa viável e inovadora às práticas econômicas convencionais, marcadas por princípios de solidariedade e sustentabilidade.

1.1 TRABALHO

O trabalho, para além de uma atividade produtiva ou fonte de renda, é uma prática histórica e social carregada de significados simbólicos, políticos e culturais. Sua centralidade na vida humana o torna um objeto de análise fundamental nas Ciências Sociais e em campos interdisciplinares, como a Economia Política, o Serviço Social, a Filosofia e a Sociologia. A forma como o trabalho é organizado, valorizado ou explorado em diferentes contextos históricos revela muito sobre os valores, conflitos e estruturas de poder que sustentam as sociedades.

Historicamente, o trabalho passou por distintas concepções. Na Antiguidade clássica, especialmente na Grécia e Roma, o trabalho manual era desvalorizado, sendo atribuído aos escravizados, enquanto a vida política e contemplativa era reservada aos cidadãos. Como destaca Decca (1962, p. 24), “o trabalho era uma atividade aviltante, imposta àqueles que não gozavam de liberdade plena”.

Durante a Idade Média, o trabalho passou a adquirir uma conotação moral cristã, relacionada à penitência e à salvação. Foi com a Modernidade, e particularmente com a ascensão da ética protestante, que o trabalho ganhou status de virtude, sendo associado ao progresso individual e à prosperidade econômica. Segundo Weber (2007), o espírito do capitalismo se moldou a partir da ética protestante, que valorizava a disciplina, a poupança e o esforço constante como expressão de fé e predestinação.

A Revolução Industrial, no século XVIII, marca uma ruptura profunda: o trabalho torna-se a força propulsora do desenvolvimento capitalista. A introdução das máquinas, o surgimento do trabalho assalariado e a formação das fábricas consolidam uma nova lógica produtiva, baseada na exploração da força de trabalho em troca de salário. Nesse contexto, surgem também as primeiras reações críticas, como as experiências de Robert Owen, precursor da economia cooperativista e da crítica social ao modelo fabril.

Owen idealizou comunidades autogeridas e mais humanas, como as experiências de New Lanark e New Harmony, propondo jornadas de trabalho reduzidas, educação para os filhos dos operários e gestão coletiva dos recursos. Suas propostas antecipam princípios da economia solidária, como a autogestão e a distribuição equitativa dos ganhos (Gaiger, 2004a).

Com Karl Marx, a crítica ao trabalho no capitalismo assume centralidade. Para o autor, o trabalho é uma atividade vital que distingue o ser humano dos demais seres vivos, pois transforma a natureza e a si mesmo. No entanto, sob a lógica capitalista, esse potencial se converte em alienação: “O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, tanto mais a sua produção aumenta em poder e volume, tanto mais ele se torna um ser sem valor” (Marx, 2011, p. 81).

Essa alienação ocorre porque o trabalhador é apartado do produto do seu trabalho, dos meios de produção, do processo produtivo e de sua própria humanidade. O trabalho, que poderia ser emancipador, torna-se instrumento de dominação.

Essa concepção permanece atual diante da crescente precarização das relações laborais. A reestruturação produtiva, o avanço tecnológico e a globalização intensificaram o desemprego estrutural, a informalidade e a instabilidade das condições de trabalho (Antunes, 2018). A chamada “uberização” das ocupações, por exemplo, exemplifica um processo de individualização e desproteção social que transfere ao trabalhador todos os riscos da atividade econômica (Abílio, 2020).

No Brasil, o trabalho sempre esteve imerso em contradições históricas. A escravidão, o patriarcalismo, o racismo estrutural e a negação de direitos aos trabalhadores informais construíram uma realidade em que o acesso ao trabalho decente nunca foi universal.

A chamada “questão social”, conforme Iamamoto e Carvalho (2014), refere-se às desigualdades sociais derivadas das contradições da sociedade capitalista, especialmente no que diz respeito à negação dos direitos sociais à maior parte da população. No Brasil, esse processo é agravado pela herança escravocrata e pela marginalização sistemática da população negra e pobre.

Como destaca Silva (2016, p. 43), “a informalidade é menos uma exceção e mais uma forma estruturante da inserção laboral brasileira”. Ou seja, o trabalho precário é a norma para a maioria da população, especialmente entre mulheres, pessoas negras e moradores das periferias urbanas.

Dados recentes da PNAD Contínua (IBGE, 2023) mostram que cerca de 40% da força de trabalho brasileira encontra-se em ocupações informais, o que revela a persistência da precarização e da ausência de proteção social para grande parte dos trabalhadores.

Frente às contradições do trabalho no capitalismo, emergem abordagens críticas que propõem ressignificações. A economia feminista questiona a divisão entre produção e reprodução, ao destacar o papel do trabalho doméstico e de cuidados, realizado majoritariamente por mulheres, como elemento invisibilizado e fundamental para a sustentação da vida (Carrasco, 2011; Mies, 2022).

Federici (2019) afirma que: “O trabalho de reprodução — cozinhar, limpar, cuidar de crianças, idosos, doentes — é essencial para a reprodução da força de trabalho e, portanto, da própria acumulação capitalista” (Federici, 2019, p. 47).

No mesmo sentido, a economia solidária, conforme Singer (2002), resgata o trabalho como construção coletiva e democrática. O autor destaca que: “Os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles, essa é a característica central. E a autogestão [...] é inteiramente democrática” (Singer, 2002, p. 14).

A economia circular, por sua vez, propõe a ruptura com o modelo linear de produção. Como explicam Murray, Skene e Haynes (2017), trata-se de um sistema que busca manter os recursos em uso pelo maior tempo possível, por meio do reaproveitamento, da remanufatura e da regeneração, promovendo práticas que envolvem também o reaproveitamento do trabalho e do conhecimento tradicional.

Essas alternativas mostram que o trabalho pode ser reorganizado a partir de outros princípios, centrados na cooperação, na solidariedade, na sustentabilidade e na equidade de gênero. Para Coraggio (2009), repensar o trabalho sob essas perspectivas significa recolocar o bem viver e a reprodução social como objetivos centrais da economia.

1.2 ECONOMIAS ALTERNATIVAS

No contexto contemporâneo, marcado pela crise ambiental, pela precarização do trabalho e pela desigualdade social, emergem propostas que questionam os fundamentos do modelo capitalista tradicional. Essas propostas se agrupam sob a noção de economias alternativas, um campo heterogêneo que reúne experiências sociais, políticas e produtivas que visam construir uma economia orientada pela sustentabilidade, pela justiça social, pela cooperação e pela centralidade da vida.

Segundo Laville (2009a), as economias alternativas não constituem um sistema econômico coeso, mas um conjunto de práticas e princípios que se opõem à lógica do lucro e da mercantilização da vida. São experiências que visam transformar as formas de produção, consumo, distribuição e organização do trabalho a partir de princípios éticos, políticos e ambientais.

Nesta pesquisa, foram selecionadas quatro formas principais de economias alternativas que dialogam diretamente com a realidade do coletivo Varal das Mina: economia solidária, economia feminista, economia sustentável e economia circular. A escolha se fundamenta na observação participante realizada entre 2018 e 2024, período no qual a pesquisadora também integrou a coordenação do coletivo.

A economia solidária é uma das formas mais consolidadas de economia alternativa no Brasil. Fundamenta-se nos princípios de autogestão, cooperação, solidariedade, democracia econômica e inclusão social. Ao contrário do modelo capitalista, que privilegia o lucro e a competição, a economia solidária promove a gestão coletiva dos meios de produção e a distribuição justa dos resultados do trabalho.

Singer (2002, p. 14), a economia solidária é um “modo de produção que se caracteriza pela igualdade de direitos. Os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles [...] e a autogestão é realizada coletivamente e de forma democrática”. Essa concepção resgata o trabalho como construção coletiva e reforça o papel político das práticas econômicas.

No Brasil, a economia solidária ganhou força a partir dos anos 2000, com a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), e consolidou-se por meio de cooperativas, associações e grupos produtivos informais. Segundo Gaiger (2004b), essas experiências ressignificam o trabalho ao revalorizar vínculos comunitários e práticas de ajuda mútua, articulando produção com cidadania.

Embora o Varal das Mina não se configure formalmente como um empreendimento de economia solidária, muitos de seus princípios estão presentes em sua organização cotidiana: a gestão horizontal, o apoio mútuo entre as participantes, as ações de doação para instituições e a preocupação com a inclusão de mulheres em situação de vulnerabilidade.

A economia feminista surge como crítica à cegueira de gênero da economia tradicional. Ela denuncia a exclusão histórica das mulheres dos espaços formais de decisão econômica e, sobretudo, a desvalorização do trabalho reprodutivo e

doméstico. Para Carrasco (2011), a economia feminista parte da ideia de que toda economia se sustenta na reprodução da vida, sendo o cuidado um pilar fundamental do sistema econômico.

Federici (2019, p. 47) afirma que “o trabalho de reprodução — cozinhar, limpar, cuidar — é essencial para a acumulação capitalista, embora permaneça invisível e não remunerado”. Mies (2022) vai além ao articular a exploração das mulheres com a exploração da natureza, evidenciando o caráter patriarcal e extrativista do sistema econômico global.

A economia feminista propõe, assim, uma reorganização profunda da economia: colocar o cuidado e a sustentabilidade da vida no centro das políticas públicas, das práticas produtivas e da gestão social. Isso inclui a valorização de arranjos produtivos liderados por mulheres, a inclusão das vozes femininas nos debates econômicos e o reconhecimento do trabalho doméstico como atividade essencial.

No Varal das Mina, observa-se essa influência na prática. O coletivo é inteiramente formado e liderado por mulheres. Muitas participantes conciliam o trabalho com a maternidade e os cuidados familiares, sendo essa vivência levada em conta nas decisões organizativas. O ambiente também promove o fortalecimento de vínculos, apoio emocional e troca de saberes entre mulheres de diferentes idades e trajetórias.

A economia sustentável é aquela que busca conciliar desenvolvimento econômico com preservação ambiental e justiça social. Para Sachs (2002), a sustentabilidade deve ser pensada como um processo multidimensional que envolve aspectos ecológicos, sociais, econômicos e culturais. Já Leff (2001) argumenta que a crise ambiental atual exige uma mudança paradigmática na racionalidade econômica dominante, incorporando o saber ambiental como eixo estruturante das políticas e práticas.

Na prática, isso significa promover formas de produção e consumo que não esgotem os recursos naturais, respeitem os ciclos ecológicos e contribuam para a redução das desigualdades. A economia sustentável dialoga diretamente com a Agenda 2030 da ONU, que propõe, entre outras metas, a erradicação da pobreza, igualdade de gênero, trabalho decente e ação contra a mudança do clima (ONU, 2023).

O Varal das Mina se insere nesse contexto por incentivar o reaproveitamento de roupas, calçados, brinquedos e outros objetos. Ao prolongar o ciclo de vida desses produtos, o coletivo atua na redução do descarte, no combate ao consumismo e na promoção de hábitos de consumo consciente.

A economia circular é uma proposta de reorganização da lógica de produção e consumo a partir de um modelo cíclico, que visa a redução do desperdício e o reaproveitamento máximo dos materiais. Um dos principais precursores desse conceito é Stahel, que já na década de 1980 formulou a ideia de uma “economia de desempenho” (*performance economy*), baseada na durabilidade, manutenção e reuso dos produtos, em oposição à lógica do descarte acelerado e da obsolescência programada. Para o autor, a economia circular deve não apenas reduzir o impacto ambiental, mas também criar empregos locais e regenerar capital social e natural (Stahel, 2010). Sua abordagem amplia o debate ao articular sustentabilidade ambiental com viabilidade econômica e inovação organizacional — aspectos que se manifestam em muitas práticas coletivas e solidárias de base territorial.

Para Prado e Dias (2020), a economia circular contribui significativamente para a sustentabilidade, especialmente nos países em desenvolvimento, ao promover práticas locais de reutilização, reciclagem e inovação nos modelos produtivos. Já Silva, Pontes e Musetti (2021) destacam que, no Brasil, a circularidade ainda encontra obstáculos regulatórios e culturais, mas avança por meio de movimentos sociais e pequenos empreendimentos urbanos.

1.3 GÊNERO E ECONOMIAS ALTERNATIVAS: UM OLHAR A PARTIR DA PESQUISA

O conceito de gênero, frequentemente confundido com sexo, refere-se a uma construção social e cultural que organiza os papéis, comportamentos, responsabilidades e expectativas atribuídas a homens e mulheres em determinada sociedade. Enquanto o sexo diz respeito a características biológicas, o gênero é historicamente situado, sendo moldado por normas sociais, culturais e políticas, e, portanto, suscetível a transformações (Scott, 1995).

Segundo Butler (2003), o gênero não é uma essência ou identidade estável, mas sim uma “performance” socialmente construída e continuamente repetida. Essa perspectiva propõe que o gênero se constitui na prática, através da repetição de

atos e discursos que naturalizam as distinções entre masculino e feminino, reproduzindo padrões de poder e desigualdade.

No interior das sociedades ocidentais, a construção social do gênero estabeleceu uma divisão hierárquica de papéis. Tradicionalmente, as mulheres foram associadas ao espaço privado, sendo responsáveis pelo cuidado da casa, dos filhos e dos idosos, enquanto os homens ocuparam o espaço público como provedores e representantes do lar. Essa divisão de papéis foi institucionalizada ao longo da história, resultando em uma estrutura de poder que desvalorizou o trabalho doméstico e reprodutivo das mulheres, relegando-o ao plano da “não-produção” (Hirata, 2002).

A marginalização do trabalho de cuidado e a exclusão das mulheres da esfera econômica formal contribuíram para a consolidação de desigualdades de gênero profundas. O acesso ao trabalho remunerado, aos espaços de decisão e ao reconhecimento social sempre foi mais limitado para as mulheres, sobretudo para aquelas situadas em intersecções de classe e raça.

A partir do século XX, os movimentos feministas passaram a questionar essa divisão sexual do trabalho e reivindicar igualdade de direitos. O ingresso massivo das mulheres no mercado de trabalho não eliminou, contudo, as desigualdades. Persistem a segregação ocupacional, a desigualdade salarial, as dificuldades de ascensão profissional e a chamada “dupla jornada”, em que as mulheres acumulam trabalho remunerado e não remunerado (Sorj, 2000).

Nesse contexto, a economia feminista surge como uma crítica à cegueira de gênero da economia convencional. Para Carrasco (2011), a economia feminista coloca no centro da análise econômica o trabalho de cuidado, denunciando sua invisibilização e argumentando que ele é fundamental para a reprodução da vida e da sociedade. Essa abordagem propõe uma reconceituação do que é considerado “trabalho produtivo”, defendendo que o cuidado – cuidar de crianças, idosos, doentes, manter o lar – deve ser reconhecido, valorizado e redistribuído socialmente.

Além disso, a economia feminista reivindica a criação de políticas públicas que contemplem as desigualdades de gênero, como o acesso a creches, licenças parentais equitativas, divisão justa do trabalho doméstico e inclusão das mulheres em espaços de poder (Méndez, 2005).

Outro avanço teórico importante é o conceito de interseccionalidade, desenvolvido por autoras como Crenshaw (2002), que analisa como gênero, raça,

classe, sexualidade e outras categorias se cruzam, produzindo formas múltiplas e específicas de opressão. No Brasil, essa abordagem é fundamental para compreender a realidade de mulheres negras e periféricas, que enfrentam não apenas o sexismo, mas também o racismo estrutural e a exclusão econômica (Gonzalez, 2020).

No âmbito da pesquisa aqui apresentada, que tem como objeto o coletivo feminino Varal das Mina, o debate sobre gênero se revela essencial. O coletivo é composto exclusivamente por mulheres, muitas delas mães, chefes de família, ou responsáveis por trabalhos de cuidado, que encontram nas economias alternativas uma possibilidade de autonomia econômica e reconhecimento social. Ao atuarem no brechó coletivo, essas mulheres constroem redes de solidariedade, apoio mútuo e compartilhamento de saberes.

1.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

A discussão teórica desenvolvida ao longo deste capítulo evidenciou que a evolução das concepções sobre trabalho e a emergência das economias alternativas estão intrinsecamente ligadas aos processos históricos, sociais e políticos que moldaram a sociedade contemporânea. O trabalho, inicialmente vinculado à sobrevivência e à reprodução da vida, tornou-se, a partir da Revolução Industrial, objeto central da acumulação capitalista, ao mesmo tempo em que foi profundamente transformado em sua organização, sentido e valor social (Antunes, 2018; Marx, 2011).

A crítica à exploração da força de trabalho, à alienação do trabalhador e à desigualdade estrutural das relações laborais fomentou, ao longo do tempo, o surgimento de modelos alternativos de organização econômica, como a economia solidária, a economia feminista, a economia sustentável e a economia circular. Essas formas de economia, ainda que diversas em suas propostas, compartilham o objetivo comum de reconfigurar a economia a partir de valores como cooperação, justiça social, equidade de gênero e preservação ambiental (Singer, 2002; Leff, 2001; Mies, 2022; Murray; Skene; Haynes, 2017).

No que tange ao debate de gênero, ficou evidente que as desigualdades não se limitam ao acesso ao trabalho remunerado, mas estão enraizadas na divisão sexual do trabalho, na invisibilização das tarefas de cuidado e na sobrecarga

imposta às mulheres no cotidiano. Como aponta Butler (2003), o gênero é uma construção performática sustentada por normas culturais, e sua naturalização histórica serviu à manutenção de estruturas patriarcais. Nesse sentido, a economia feminista oferece uma importante contribuição ao reivindicar o reconhecimento e a valorização do trabalho de reprodução social, propondo uma reorganização das prioridades econômicas em torno da sustentação da vida (Federici, 2019; Carrasco, 2011).

Ademais, a perspectiva interseccional contribui para uma análise mais aprofundada das desigualdades, ao considerar como gênero, raça e classe interagem para produzir múltiplas formas de opressão. No contexto brasileiro, onde a desigualdade social é atravessada pelo racismo estrutural e pela precariedade das políticas públicas, a interseccionalidade torna-se uma ferramenta indispensável para compreender a realidade das mulheres negras e periféricas (Crenshaw, 2002; Gonzalez, 2020).

Nesse cenário, as economias alternativas representam não apenas um conjunto de práticas econômicas inovadoras, mas também uma forma de resistência às lógicas excludentes do capitalismo. Ao desafiar os modelos centrados na competitividade e no lucro, essas propostas se constituem como estratégias de reprodução social mais justas, nas quais o trabalho é reorganizado a partir de valores éticos e políticos orientados pela solidariedade, sustentabilidade e emancipação (Coraggio, 2004; Sachs, 2002).

Este capítulo, portanto, oferece o alicerce teórico necessário para a compreensão do objeto empírico desta pesquisa: o coletivo Varal das Mina. Ao relacionar os conceitos de trabalho, gênero e economias alternativas com o funcionamento e os sentidos atribuídos à prática coletiva, pretende-se demonstrar como essas experiências podem representar formas concretas de enfrentamento às desigualdades sociais e de construção de novas racionalidades econômicas.

Como será aprofundado nos capítulos seguintes, o Varal das Mina expressa, em sua organização e trajetória, muitos dos princípios discutidos teoricamente. Ao reunir mulheres que atuam no mercado informal a partir da reutilização de bens, da cooperação e da gestão compartilhada, o coletivo se aproxima das propostas da economia solidária e feminista, ao mesmo tempo em que fortalece redes de apoio e viabiliza estratégias de autonomia econômica para suas participantes.

Assim, a fundamentação teórica apresentada até aqui não apenas orienta a análise empírica, como também aponta caminhos para compreender como práticas econômicas alternativas, articuladas às lutas por justiça social e equidade de gênero, podem contribuir para a construção de uma economia mais democrática, participativa e centrada na vida.

2 CONHECENDO O COLETIVO FEMININO “VARAL DAS MINA”

Este capítulo tem como objetivo apresentar o coletivo feminino Varal das Mina, que constitui o objeto empírico desta pesquisa. Inserido no contexto urbano de Ponta Grossa/PR, o coletivo representa uma experiência concreta de articulação entre trabalho, gênero e economias alternativas, tematizados nos capítulos anteriores. A partir da análise de sua trajetória, estrutura organizativa e práticas cotidianas, busca-se compreender como as mulheres participantes constroem estratégias de subsistência e autonomia econômica, ao mesmo tempo em que produzem redes de solidariedade, saberes compartilhados e formas alternativas de inserção produtiva.

Coletivos femininos configuram-se como formas organizativas protagonizadas por mulheres que, por meio da ação coletiva, buscam promover a equidade de gênero, fortalecer a autonomia econômica feminina e enfrentar as múltiplas opressões que incidem sobre suas vidas. Essas experiências assumem diferentes formatos e abrangências, desde grupos locais até redes nacionais e transnacionais, articulando práticas culturais, sociais, políticas e econômicas (Sorj, 2000).

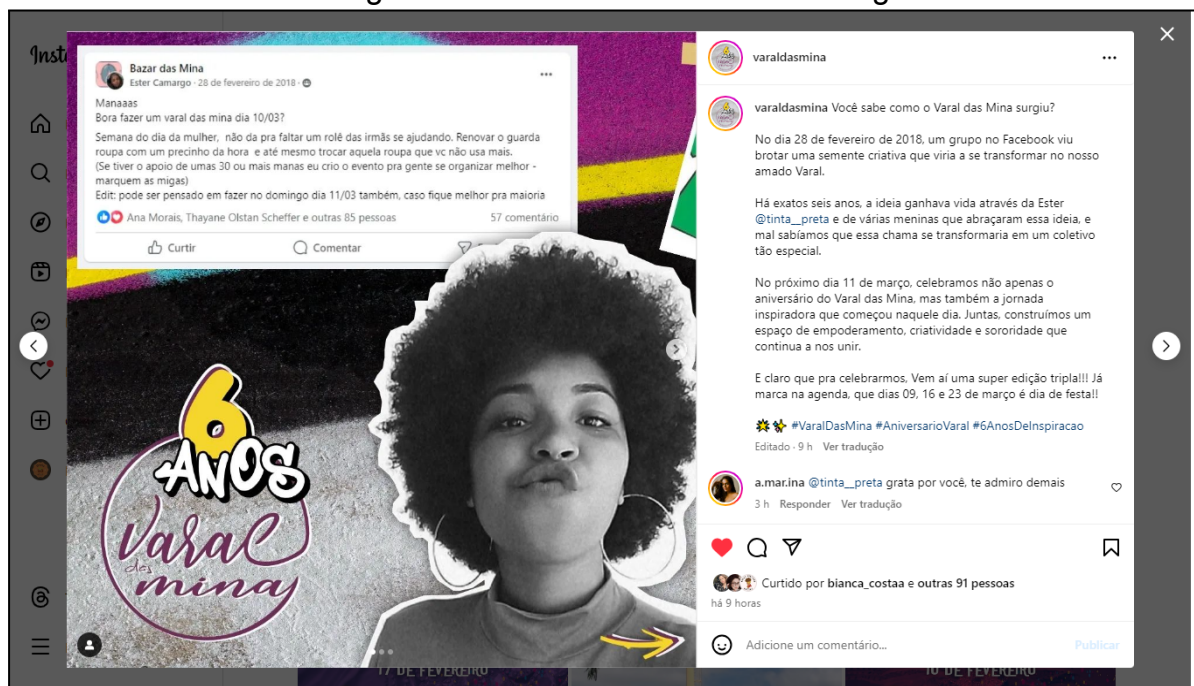
Tais coletivos desenvolvem estratégias de resistência e transformação social, engajando-se em atividades como feiras, campanhas, formações, redes de consumo, produção artesanal, partilha de saberes e incidência política. Como destaca Sarti (2004), eles constroem espaços de pertencimento e solidariedade, a partir dos quais as mulheres compartilham experiências e constroem alternativas às estruturas tradicionais de exclusão.

O coletivo feminino Varal das Mina, objeto desta pesquisa, constitui uma dessas experiências. Com atuação em Ponta Grossa/PR, o grupo é formado majoritariamente por mulheres que desenvolvem atividades relacionadas à moda circular (especialmente brechós), artesanato e outras formas de produção criativa, pautadas pela sustentabilidade e pela economia popular. O coletivo emergiu em 2018 a partir da iniciativa de um grupo de mulheres que se articulavam em redes sociais, mais especificamente no grupo “Bazar das Mina”, no Facebook.

A proposta foi impulsionada por uma publicação da jovem artista Ester Camargo, que sugeriu a realização de um evento colaborativo entre mulheres empreendedoras da cidade, a ser realizado em alusão ao Dia Internacional da

Mulher (8 de março). A ideia foi bem recebida e, poucos dias depois, em 11 de março de 2018, realizou-se o primeiro evento, no estacionamento do Restaurante Popular de Ponta Grossa, localizado próximo ao Parque Ambiental.

FIGURA 1 - Post do Instagram do Varal das Mina sobre o surgimento do coletivo



Fonte: Varal das Mina (2024)

O nome “Varal das Mina” surgiu de maneira espontânea e simbólica: remetia ao método informal de exposição das roupas — penduradas em varais — e ao caráter popular e feminino da iniciativa, expressando uma estética acessível, autêntica e comunitária. A expressão “das mina” também resgata uma linguagem informal que aproxima o coletivo das juventudes urbanas e das mulheres das periferias.

Com o passar dos anos, o evento tornou-se periódico e ganhou adesão crescente. No início de 2024, o coletivo contava com cerca de 100 participantes, sendo que seis mulheres compunham a comissão organizadora. Essa comissão é responsável pela gestão logística, administrativa e política do coletivo: organiza os eventos, coordena a comunicação com o público e com os parceiros, realiza a mediação interna entre as participantes, gerencia as redes sociais e administra os recursos arrecadados.

Ao longo de sua trajetória, o Varal das Mina ocupou diferentes espaços públicos da cidade, como a Estação Saudade, a Estação Arte, o Centro de Cultura,

a Biblioteca Municipal e o Centro de Eventos. Desde 2022, o coletivo passou a realizar suas edições fixamente na Praça do Ponto Azul, no centro da cidade, o que favoreceu a visibilidade e o acesso ao evento. O grupo também participou de ações em parceria com a prefeitura e com iniciativas privadas, como a “Casa Colaborativa Casulo”¹.

Durante a pandemia de COVID-19, as atividades presenciais foram interrompidas entre 2020 e 2021. O retorno das feiras aconteceu em dezembro de 2021, com a edição “Recomeço”, realizada no Centro de Cultura de Ponta Grossa. Este momento foi marcado pela resiliência das participantes e pela reconfiguração das práticas, com maior uso das redes sociais para comercialização dos produtos, fortalecendo o vínculo comunitário em meio à crise sanitária.

FIGURA 2 - Post do Instagram do Varal das Mina alusivo a Edição “Recomeço”



Fonte: Varal das Mina (2021)

¹ A Casa Colaborativa Casulo foi um espaço inovador localizado em Ponta Grossa (PR), fundado em setembro de 2019 por Bruna Dalzotto, Tatyla Barreto, Filipe Zander e Paulo Afonso. Inspirada nos princípios da economia colaborativa, consumo consciente e responsabilidade social, a Casulo funcionava como um ponto de encontro para empreendedores, artistas e coletivos culturais, promovendo um ambiente de cocriação e apoio mútuo.

FIGURA 3 - Legenda do post do Instagram do Varal das Mina alusivo a Edição “Recomeço”



Fonte: Varal das Mina (2021)

A partir da observação participante realizada por esta pesquisadora entre os anos de 2018 e 2024 — sendo que, entre 2022 e 2024, integrou a coordenação do coletivo — foi possível constatar a expressiva diversidade social das participantes. As mulheres do Varal apresentavam distintas faixas etárias, níveis de escolaridade, composições familiares e motivações. Algumas buscavam no coletivo uma forma de engajamento político e ecológico, outras participavam por necessidade de gerar renda, ou ainda para manter um vínculo afetivo e comunitário com outras mulheres.

Além das diferentes motivações, a pesquisa de campo permitiu observar que muitas das participantes desenvolviam uma perspectiva crítica e politizada sobre suas práticas econômicas. Relacionavam sua atuação com os princípios da economia feminista, ao valorizarem o cuidado, o trabalho doméstico e os laços de

apoio mútuo, e com a economia solidária, ao praticarem a gestão horizontal, a partilha de saberes e a autogestão dos eventos (Singer, 2002; Carrasco, 2011).

Também foram identificadas práticas associadas à economia circular e à economia sustentável, como a reutilização e ressignificação de materiais, a redução de desperdícios e a valorização do consumo consciente. Nesse sentido, o Varal das Mina se mostra não apenas como um espaço de comercialização, mas também como um ambiente educativo, político e transformador, em que se constroem alternativas econômicas sensíveis às múltiplas opressões vividas pelas mulheres (Sachs, 2002; Leff, 2001).

Entretanto, foi possível identificar também tensionamentos e contradições. Apesar da valorização da coletividade e da horizontalidade, muitas participantes se auto definiam como "empreendedoras individuais", mobilizando discursos e práticas alinhadas ao empreendedorismo neoliberal. Essa contradição reflete a influência de políticas públicas recentes que incentivam a formalização precária do trabalho feminino, promovendo soluções individualizadas para problemas estruturais (Dagnino, 2004).

Essa realidade revela a coexistência de lógicas distintas no interior do coletivo: de um lado, estratégias emancipatórias, fundadas na cooperação e na solidariedade; de outro, estratégias de sobrevivência, moldadas por pressões econômicas e pela ideologia da autonomia individual. Como destaca Laville (2009b), às práticas econômicas solidárias não estão imunes às influências do mercado e frequentemente operam em contextos de ambiguidade e disputa simbólica.

Cabe destacar que as reflexões aqui apresentadas se apoiam, majoritariamente, na experiência empírica da pesquisadora, que esteve inserida de forma ativa no coletivo. Até o momento, tais percepções não haviam sido sistematizadas sob forma de pesquisa científica. A análise parte, portanto, de um processo de imersão, escuta e participação, que permitiu compreender como o coletivo se articula a partir das dinâmicas de trabalho, gênero e economia alternativa.

Conclui-se que o trabalho e a geração de renda não são apenas temas periféricos, mas constituem o eixo estruturante do Varal das Mina. Por meio da prática coletiva, as mulheres constroem espaços de autonomia econômica, redes de solidariedade e formas de resistência frente às desigualdades estruturais. O coletivo, portanto, se revela como um espaço híbrido, potente e contraditório, cujas

experiências permitem refletir sobre os limites e as possibilidades das economias alternativas como práticas de transformação social.

2.1 FORMALIZAÇÃO JURÍDICA E ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO VARAL DAS MINA

A compreensão do funcionamento interno do coletivo Varal das Mina é essencial para captar como se realizam, no cotidiano, os princípios da economia alternativa, solidária e feminista. A forma como se estrutura a adesão, os eventos e as relações internas revela uma organização baseada na autogestão, no compromisso mútuo e na valorização das práticas coletivas.

A entrada de novas participantes ocorre por meio de formulário online, preenchido por interessadas que desejam expor seus produtos no Varal. A adesão não é contínua: os períodos de seleção são definidos pela equipe organizadora, que analisa os perfis e a adequação das propostas aos princípios do coletivo.

As expositoras devem ser mulheres maiores de 18 anos, com disponibilidade para participar dos eventos presenciais, e comprometidas com a filosofia da moda circular, autogestão e solidariedade. No caso dos brechós, exige-se curadoria das peças, higienização e exposição adequada com o uso de araras e cabides. A presença nas redes sociais e o engajamento com a divulgação das feiras também são considerados relevantes para a seleção.

Atualmente, os eventos do Varal das Mina acontecem semanalmente aos sábados, na Praça do Ponto Azul. Cada edição ocorre das 9h às 17h, sem pausas estabelecidas, reunindo brechós, artesanatos, plantas e outros produtos autorais.

A delimitação do espaço expositivo é realizada pela organização, com áreas de aproximadamente 2m x 2m por participante, demarcadas com giz. A ocupação segue a ordem de chegada, e cada mulher é responsável por montar e desmontar seu próprio espaço. Essa dinâmica reforça a autonomia com corresponsabilidade coletiva, sem hierarquias.

O coletivo é regido por um regulamento interno escrito, construído de forma participativa, que orienta a convivência e garante o alinhamento ético das ações.

Entre os pontos principais estão:

- Proibição da venda de produtos novos, alimentos ou bebidas;
- Obrigatoriedade da precificação das peças expostas;
- Valor mínimo de R\$ 10,00 para roupas e teto de R\$ 50,00 no verão e R\$ 75,00 no inverno, garantindo o acesso justo e a valorização do trabalho das expositoras;
- Identificação dos brechós com nome ou logotipo, contribuindo para a profissionalização.

Além disso, todas as participantes contribuem com uma taxa de R\$ 10,00 por evento, destinada à manutenção do coletivo, e realizam uma doação obrigatória de itens, que variam a cada edição conforme campanhas sociais ou demandas de instituições parceiras (como arrecadação de alimentos, brinquedos ou ração para animais).

A convivência coletiva também envolve o respeito aos horários, cuidado com a limpeza, zelar pelo provador comum e evitar conflitos. Em caso de descumprimento das regras, o regulamento prevê advertência verbal e, em último caso, desligamento da participante.

A comunicação entre as participantes e a equipe organizadora é feita principalmente por grupos de WhatsApp, complementada por reuniões presenciais ou online, organizadas de forma periódica ou conforme a necessidade.

A parceria permanente com a Secretaria Municipal de Cultura, responsável pela cessão do espaço público, é fundamental para a sustentabilidade dos eventos. Outras colaborações são estabelecidas pontualmente, em resposta a demandas específicas.

Apesar de não haver um plano formal de expansão, o coletivo cresce organicamente, mantendo sua identidade baseada na solidariedade, no protagonismo feminino e na criação de alternativas econômicas enraizadas no território.

Em maio de 2024, o coletivo Varal das Mina deu um passo importante em sua trajetória institucional ao formalizar-se juridicamente como Associação Varal das Mina, uma entidade sem fins lucrativos com sede em Ponta Grossa, Paraná. A

fundação foi aprovada em Assembleia Geral realizada no dia 20 de maio de 2024, com a presença das fundadoras e participantes do coletivo. A formalização visou ampliar a capacidade de articulação do grupo, possibilitando o acesso a parcerias, recursos públicos e privados, e garantindo maior autonomia e estabilidade às ações desenvolvidas. Apesar da formalização como “Associação” o Coletivo não costuma usar esse termo com frequência.

Conforme estabelece o Estatuto Social da Associação, trata-se de uma organização de direito privado, com duração indeterminada e objetivos voltados à promoção da assistência social, do desenvolvimento sustentável, da cultura, da segurança alimentar, do voluntariado e da experimentação de novos modelos socioeconômicos solidários e alternativos (Associação Varal Das Mina, 2024).

O documento também enfatiza os princípios de transparência, autogestão e trabalho voluntário, não havendo remuneração para os cargos de diretoria e conselho fiscal. As atividades da Associação são coordenadas por uma estrutura composta por Assembleia Geral, Diretoria Executiva e Conselho Fiscal, com mandatos de quatro anos. A atual diretoria (2024–2028) é formada exclusivamente por mulheres integrantes do coletivo, o que reafirma o caráter feminista e autônomo da organização. Assim como o termo “Associação”, o termo “Diretoria” também não é comumente utilizado, sendo mais comum o uso de “Organização” ou “Organizadoras” para se referir à diretoria.

A formalização da Associação Varal das Mina representa, portanto, um avanço importante na consolidação de práticas autônomas de organização econômica e social, em consonância com os princípios da economia solidária, da economia feminista e da economia sustentável (Singer, 2002; Carrasco, 2011; Sachs, 2002). A existência de um estatuto social e de uma governança interna fortalece o coletivo frente a instituições públicas e privadas, além de favorecer o reconhecimento de sua atuação como prática legítima de geração de trabalho, renda e transformação social.

2.2 PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS PARTICIPANTES DO VARAL DAS MINA

Após a contextualização do coletivo Varal das Mina e a discussão teórica que fundamenta esta pesquisa, este capítulo tem como objetivo apresentar e analisar o perfil socioeconômico das mulheres que participam do coletivo. A partir da

aplicação de um questionário estruturado, foram levantadas informações sobre faixa etária, escolaridade, composição familiar, estado civil, etnia, condições de moradia, fontes de renda, responsabilidades com o cuidado, entre outras variáveis relevantes para a compreensão das múltiplas dimensões que atravessam a realidade dessas mulheres.

A análise dos dados socioeconômicos permite não apenas traçar um panorama das condições de vida das participantes, mas também aprofundar a compreensão sobre como essas condições influenciam sua inserção no coletivo e sua relação com o trabalho, o cuidado, o consumo e a geração de renda. Com base nesses dados, é possível identificar tendências, desigualdades, sobrecargas e estratégias de sobrevivência que marcam as trajetórias dessas mulheres em um contexto urbano e periférico.

Ao reconhecer que os aspectos sociais e econômicos são indissociáveis das práticas produtivas e das experiências individuais, este capítulo busca evidenciar como o Varal das Mina opera como um espaço de acolhimento, resistência e construção de alternativas à precariedade do mercado de trabalho formal, especialmente para mulheres com responsabilidades de cuidado, baixa escolaridade ou com acesso limitado a oportunidades formais de emprego.

Além disso, os dados aqui analisados serão fundamentais para, nos capítulos seguintes, relacionar as práticas do coletivo aos princípios das economias alternativas discutidos anteriormente, evidenciando tanto suas potencialidades quanto suas contradições.

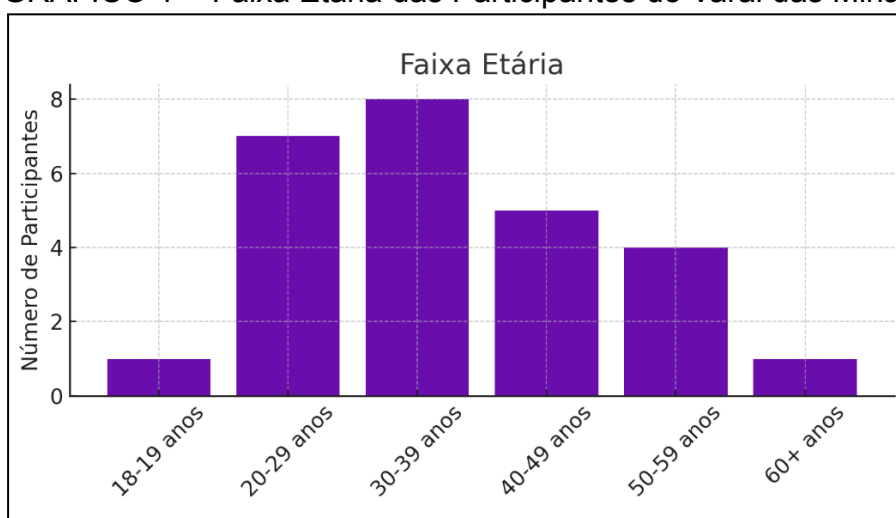
2.2.1 Faixa Etária

A análise da faixa etária das participantes do Varal das Mina revela uma significativa diversidade geracional. Dentre as 34 mulheres que responderam ao questionário, os dados se distribuíram da seguinte forma:

- 18 a 19 anos: 1 participante
- 20 a 29 anos: 7 participantes

- 30 a 39 anos: 8 participantes
- 40 a 49 anos: 5 participantes
- 50 a 59 anos: 4 participantes
- 60 anos ou mais: 1 participante

GRÁFICO 1 - Faixa Etária das Participantes do Varal das Minas



Fonte: A autora (2024)

Os dados indicam maior concentração na faixa etária de 30 a 39 anos, seguida pela de 20 a 29 anos. Essas faixas compreendem, em geral, mulheres em idade produtiva, muitas delas também atravessadas por responsabilidades familiares e de cuidado, o que impacta diretamente em sua inserção no mercado de trabalho. A presença de mulheres com mais de 50 anos, ainda que em menor número, demonstra a permanência e a busca de alternativas econômicas por mulheres em fases mais avançadas da vida, que muitas vezes enfrentam dificuldades de reinserção laboral em empregos formais.

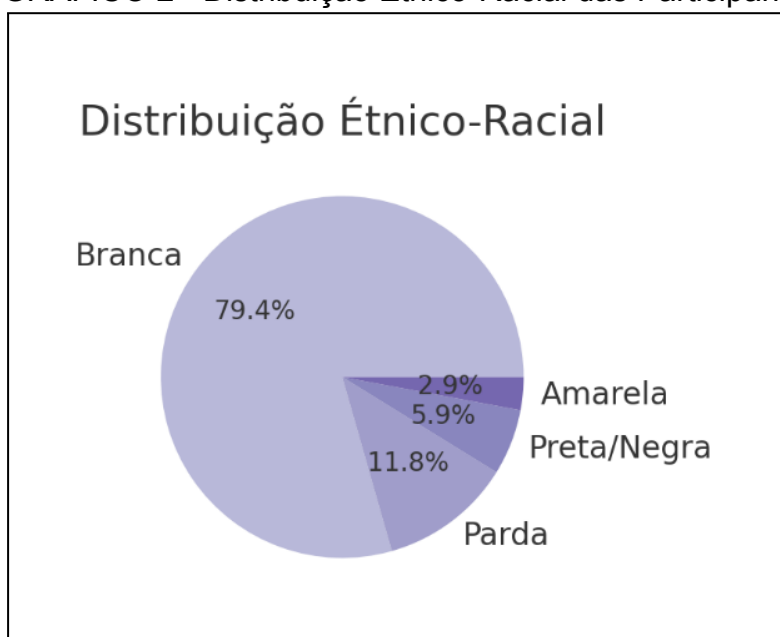
Essa amplitude etária também evidencia a capacidade do coletivo de dialogar com diferentes gerações, oferecendo espaço tanto para jovens em início de trajetória profissional quanto para mulheres maduras que buscam autonomia econômica, reposicionamento profissional ou fortalecimento de redes de apoio.

2.2.2 Etnia/Raça

No que se refere à autodeclaração étnico-racial, a maioria das participantes se identifica como branca, embora haja a presença de mulheres pardas, negras e uma mulher amarela:

- Branca: 27
- Parda: 4
- Preta/Negra: 2
- Amarela: 1

GRÁFICO 2 - Distribuição Étnico-Racial das Participantes do Varal das Mina



Fonte: A autora(2024)

Embora a maioria seja branca, a presença de mulheres negras e pardas é significativa e deve ser analisada à luz das desigualdades raciais que atravessam o acesso ao trabalho, à renda e às oportunidades. No contexto brasileiro, mulheres negras são historicamente as mais afetadas pela precariedade, pela informalidade e pela desvalorização do trabalho (Gonzalez, 2020; Crenshaw, 2002). Sua

participação no coletivo aponta para a importância de espaços de economia alternativa como forma de resistência à exclusão estrutural.

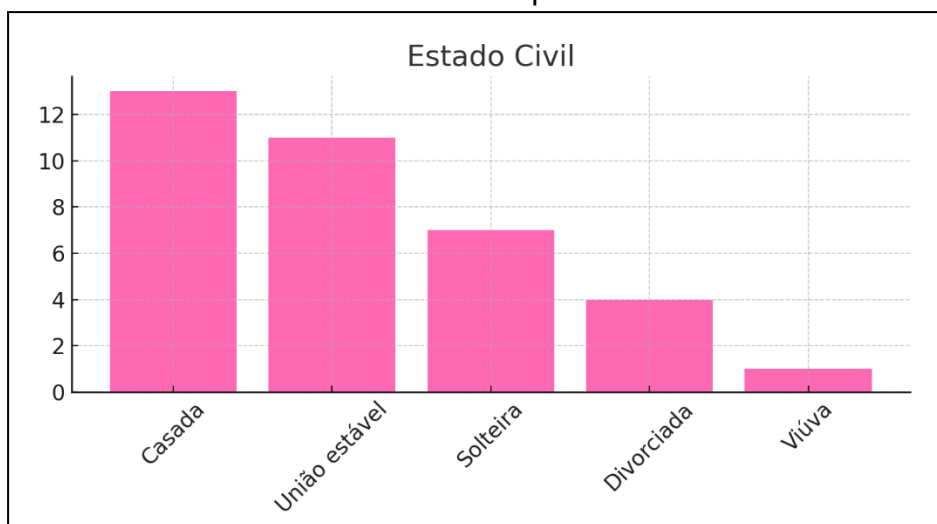
Ainda que o recorte racial não tenha sido o foco principal do coletivo, os dados sugerem a necessidade de atenção interseccional, uma vez que raça e classe social são elementos estruturantes das desigualdades de gênero no Brasil.

2.2.3 Estado Civil e Composição Familiar

Quanto ao estado civil, os dados indicam uma predominância de mulheres casadas ou em união estável, o que representa um dado relevante considerando os papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres no âmbito familiar. A distribuição foi a seguinte:

- Casada: 13
- União estável (morando com companheiro[a]): 11
- Solteira: 7
- Divorciada: 4
- Viúva: 1

GRÁFICO 3 - Estado Civil das Participantes do Varal das Mina



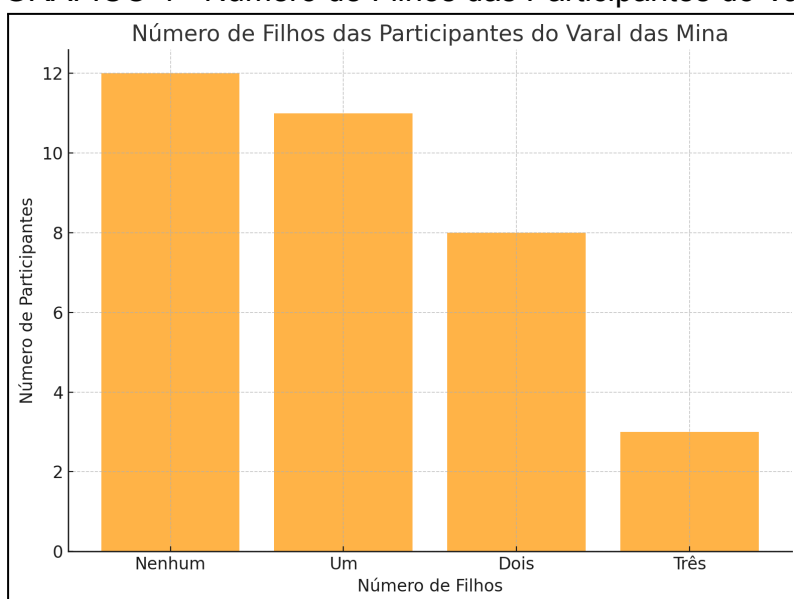
Fonte: A autora (2024)

No que se refere ao estado civil das participantes, a maioria se encontra em relações afetivas formalizadas ou estáveis, com 13 mulheres casadas (cerca de 37%) e 9 em união estável (aproximadamente 26%). As mulheres solteiras representam cerca de 20%, enquanto 4 se identificam como divorciadas (11%) e 1 como viúva (3%). A prevalência de vínculos conjugais reforça a relevância de discutir o papel das redes familiares e conjugais no cotidiano das mulheres envolvidas em coletivos de economia alternativa, especialmente no que tange à divisão do trabalho doméstico e de cuidado. A presença de mulheres divorciadas e viúvas também evidencia a diversidade de arranjos familiares e a autonomia feminina no enfrentamento das dinâmicas sociais e econômicas, que pode influenciar diretamente suas trajetórias de inserção e permanência em iniciativas como o “Varal das Mina”.

2.2.4 Maternidade

A maioria das mulheres que compõem o coletivo Varal das Mina são mães (23 de 34, ou 67,6%), sendo que muitas possuem mais de um filho, o que evidencia o acúmulo de funções e a sobrecarga que incide sobre essas mulheres.

GRÁFICO 4 - Número de Filhos das Participantes do Varal das Mina



Fonte: A autora (2024)

Ter filhos impacta diretamente a disponibilidade de tempo, a mobilidade, a organização da rotina e a estabilidade laboral, especialmente em um contexto no qual grande parte das atividades de cuidado ainda é atribuída às mulheres (Hirata, 2002; Carrasco, 2011).

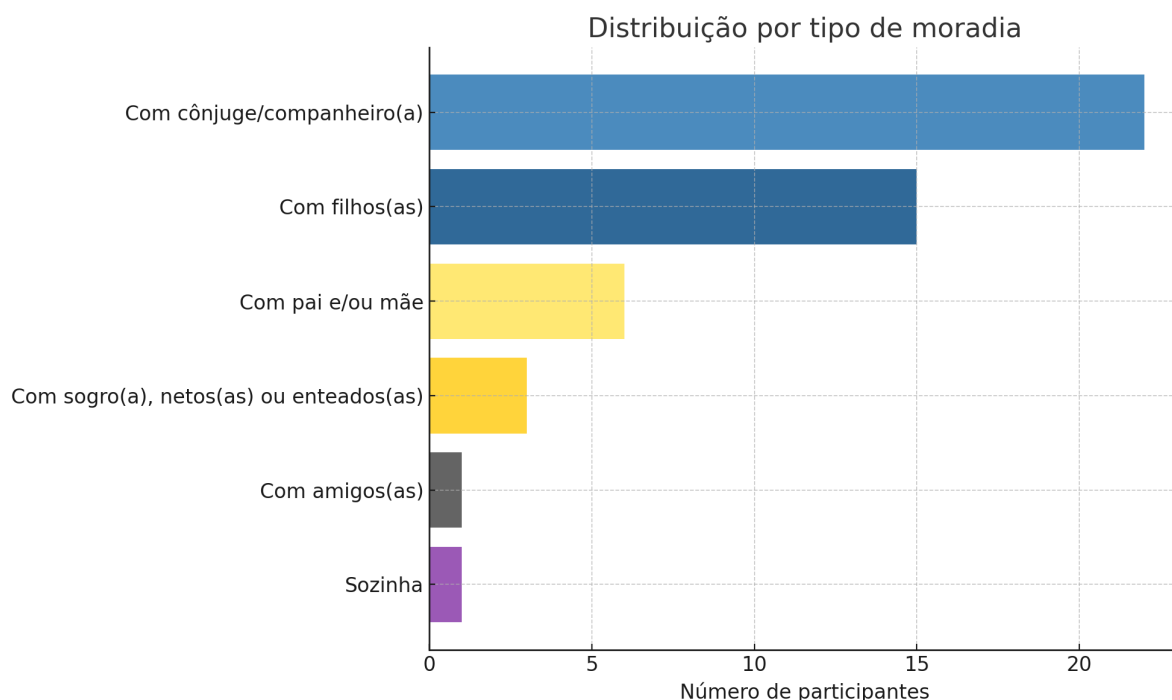
Segundo a perspectiva da economia feminista, o trabalho de cuidado — muitas vezes invisibilizado e não remunerado — deve ser considerado central na análise econômica, pois sustenta a reprodução da vida e viabiliza a inserção das mulheres em outras esferas de produção (Federici, 2019; Mies, 2022).

2.2.5 Composição Familiar

Distribuição por tipo de moradia:

- Com cônjuge/companheiro(a) (sozinho ou com outros membros): 22
- Com filhos(as) (sozinho ou com outros membros): 15
- Com pai e/ou mãe (sozinho ou com outros membros): 6
- Com sogro(a), netos(as) ou enteados(as) (em conjunto): 3
- Com amigos(as): 1
- Sozinha: 1

GRÁFICO 5 - Distribuição por Tipo de Moradia da Participantes do Varal das Mina



Fonte: A autora (2024)

Algumas participantes aparecem em mais de uma categoria por morarem com múltiplas pessoas.

A análise da composição domiciliar revela que a maioria das mulheres vive com cônjuges ou companheiros (22 de 34 respostas), o que evidencia a predominância de arranjos familiares tradicionais. No entanto, um número expressivo (15 participantes) vive com filhos ou filhas, e em muitos casos, essa convivência se dá sem a presença de outro adulto responsável, o que pode implicar sobrecarga das tarefas de cuidado e domésticas sobre as mulheres — uma característica amplamente discutida pela economia feminista (Carrasco, 2011; Federici, 2019).

Além disso, 6 mulheres moram com seus pais, indicando uma possível dependência econômica ou apoio intergeracional, que pode estar ligada tanto a condições financeiras quanto a questões de cuidado mútuo. Casos de moradia com sogros, netos ou enteados indicam arranjos familiares ampliados, comuns em contextos de vulnerabilidade e cooperação social.

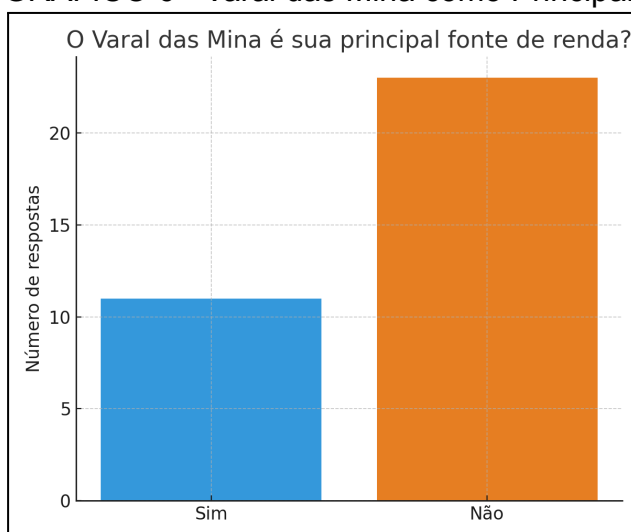
Apenas uma participante relatou morar sozinha, o que pode refletir tanto uma escolha de autonomia quanto um possível isolamento. Essas configurações

reforçam a necessidade de olhar para as redes de suporte familiar e comunitário ao pensar políticas de inclusão produtiva e cuidado.

2.2.6 Fonte de Renda

Apenas 29% das participantes (10 de 34) declararam que o Varal das Mina é sua principal fonte de renda, enquanto 71% (24 de 34) afirmaram que não.

GRÁFICO 6 - Varal das Mina como Principal Fonte de Renda das Participantes

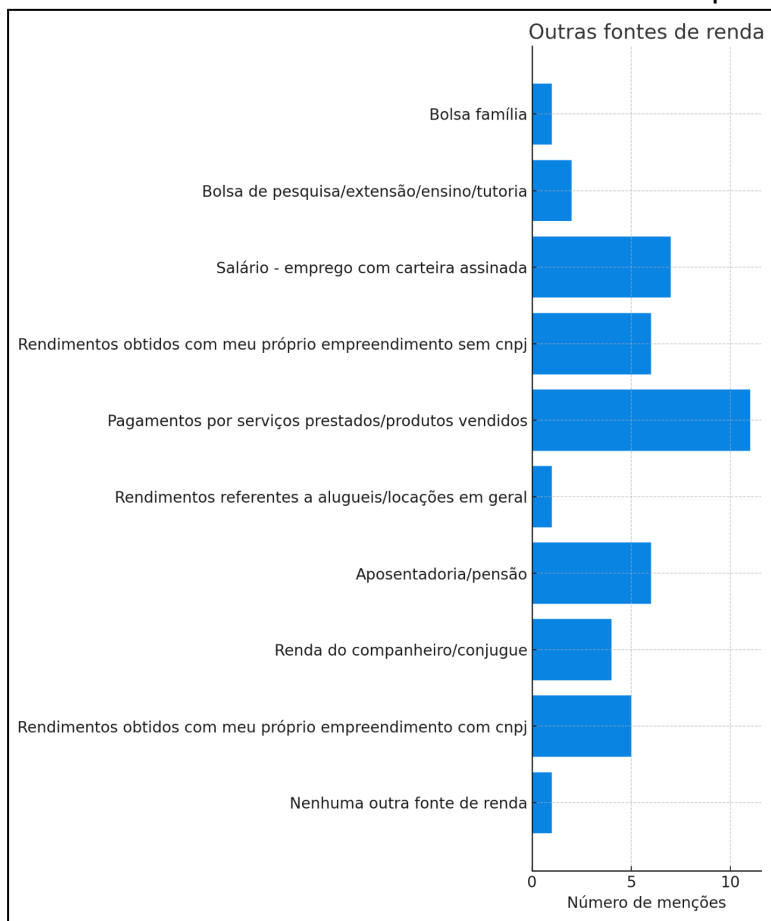


Fonte: A autora (2024).

Esse dado revela que, embora o Varal das Mina represente uma importante iniciativa econômica e de fortalecimento comunitário, a maioria das mulheres ainda depende de outras fontes de renda — formais, informais ou assistenciais — para sua sobrevivência. Isso pode estar relacionado à instabilidade e/ou intermitência dos ganhos obtidos por meio das economias alternativas, como aponta Singer (2002), e à necessidade de combinar múltiplas estratégias para compor o sustento, o que é típico da realidade de muitas mulheres trabalhadoras informais.

Esse resultado também pode ser lido à luz da economia feminista, que destaca como as mulheres frequentemente ocupam posições precarizadas no mercado de trabalho, sendo responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidado (Mies, 2022; Federici, 2019). Mesmo em iniciativas de autogestão como o Varal, muitas mulheres não conseguem garantir autonomia financeira plena, o que evidencia a importância de políticas públicas de apoio à economia solidária e à inclusão produtiva de mulheres em situação de vulnerabilidade.

GRÁFICO 7 - Outras Fontes de Renda das Participantes do Varal das Mina



Fonte: A autora (2024).

Os dados coletados revelam um cenário de diversificação econômica entre as participantes do coletivo Varal das Mina, com a coexistência de atividades formais, informais, familiares e assistenciais. Essa pluralidade de estratégias reforça a centralidade da pluriatividade como característica marcante do perfil socioeconômico do grupo, ou seja, a prática de combinar diferentes fontes de obtenção de renda para garantir a sobrevivência cotidiana.

A fonte mais recorrente entre as participantes foi a prestação de serviços e venda de produtos, mencionada em 11 respostas. Essa categoria inclui atividades como comercialização de roupas, produtos artesanais e outros serviços oferecidos de maneira autônoma, seja de forma presencial ou online. Em muitos casos, essa prática se relaciona diretamente com a atuação no próprio Varal das Mina, evidenciando a sua função como espaço facilitador da economia popular urbana.

A segunda categoria mais mencionada foi o emprego com carteira assinada, presente em 8 respostas. A inserção no mercado formal de trabalho, ainda que

limitada, demonstra que o coletivo reúne mulheres com diferentes trajetórias profissionais e graus variados de estabilidade econômica. É importante destacar que, para parte das respondentes, o Varal constitui uma renda complementar ao salário fixo, funcionando como um canal de expressão criativa e de apoio à autonomia financeira.

Os rendimentos provenientes de empreendimentos sem CNPJ foram mencionados 7 vezes, e os de empreendimentos formalizados com CNPJ, 5 vezes. Essa distribuição indica a presença de lógicas híbridas de organização produtiva, em que mulheres transitam entre a informalidade e a formalização, muitas vezes sem abandonar completamente um modelo em favor do outro. Conforme defende Gohn (2010), essas práticas tensionam as fronteiras entre o mercado formal e os arranjos coletivos autônomos, abrindo espaço para formas mais flexíveis e inventivas de geração de renda.

A aposentadoria e pensões, com 6 menções, e a renda proveniente do companheiro ou cônjuge, com 5 menções, reforçam o papel das redes familiares como suporte financeiro em momentos de vulnerabilidade. No entanto, a dependência parcial ou total da renda masculina evidencia também os desafios enfrentados pelas mulheres na busca por autonomia econômica, sobretudo quando sobrecarregadas pelas tarefas de cuidado e trabalho reprodutivo.

As bolsas acadêmicas e auxílios públicos (Bolsa Família e bolsas de pesquisa/ensino/extensão) aparecem com menor frequência, somando apenas 3 menções no total. Isso pode refletir a baixa cobertura desses programas ou mesmo uma possível subdeclaração por estigma. Ainda assim, sua presença aponta para a importância das políticas públicas de transferência de renda no apoio à manutenção das atividades produtivas e formativas das participantes.

Por fim, apenas uma participante declarou não possuir nenhuma outra fonte de renda, o que destaca o papel central que o Varal das Mina pode assumir na vida de algumas mulheres como único espaço de geração de renda e pertencimento social.

De modo geral, os dados sugerem que as integrantes do coletivo mobilizam uma ampla gama de estratégias para sustentar a vida, combinando mercado, Estado e redes familiares.

A análise cruzada entre as respostas à questão "O Varal das Mina é sua principal fonte de renda?" e as demais fontes de renda mencionadas pelas

participantes permite compreender as diferentes formas de inserção econômica das mulheres no coletivo, bem como os significados atribuídos à sua participação. A partir da comparação dos dois grupos — aquelas que têm o Varal como principal fonte de renda (10 mulheres) e aquelas que afirmaram ter outras fontes predominantes (24 mulheres) —, é possível evidenciar perfis socioeconômicos distintos e modos diversos de relação com o trabalho e a renda.

Entre as participantes que apontaram o Varal das Mina como sua principal fonte de renda, observa-se uma predominância de atividades econômicas informais, como empreendimentos sem CNPJ e venda direta de produtos e serviços. Este grupo, em geral, não possui vínculo empregatício formal, tampouco acesso a aposentadoria ou estabilidade por meio da renda de um companheiro. Dessa forma, o coletivo emerge como espaço central de geração de renda, reconhecimento e autonomia. Para essas mulheres, o Varal representa mais do que um espaço de comercialização: é uma estratégia concreta de sobrevivência econômica, inserida no campo das economias populares e solidárias

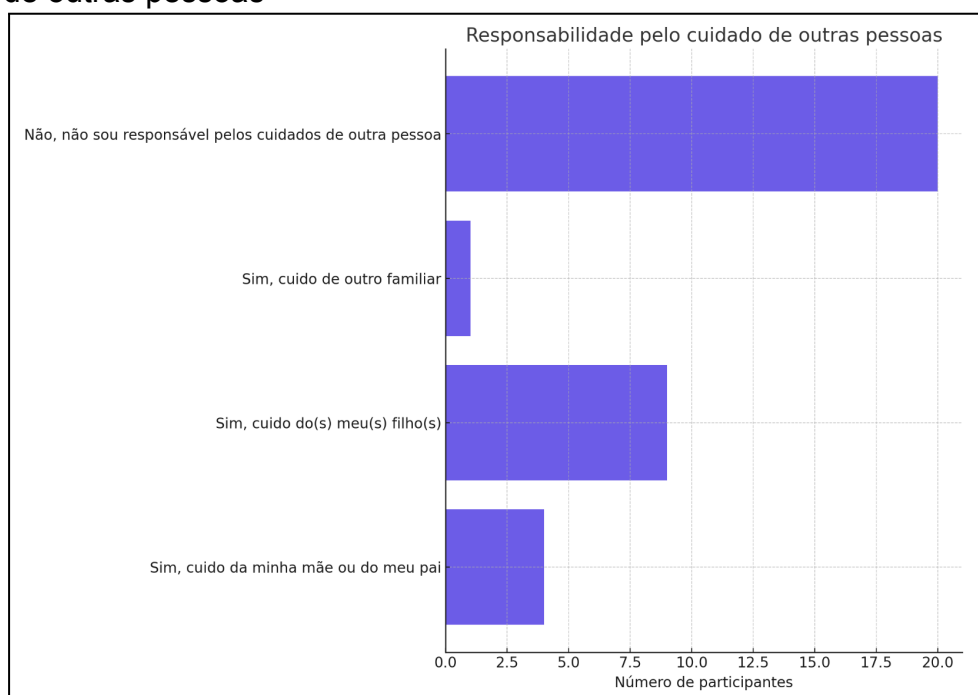
Já entre as participantes que não consideram o Varal sua principal fonte de renda, há uma maior presença de emprego formal com carteira assinada, renda do companheiro, aposentadorias/pensões e, em menor número, empreendimentos com CNPJ. Neste grupo, a participação no Varal aparece como complementar à renda principal, sendo frequentemente associada a outros sentidos, como expressão criativa, construção de rede de apoio, pertencimento comunitário e até mesmo um espaço terapêutico e afetivo. Ainda que o aspecto econômico não seja central para esse grupo, o coletivo cumpre um papel importante na redistribuição simbólica de reconhecimento, visibilidade e empoderamento.

Essa pluralidade de inserções evidencia o caráter heterogêneo e acolhedor do Varal das Mina, que se estrutura de forma a permitir a convivência entre diferentes perfis de mulheres e trajetórias de trabalho. O coletivo funciona, simultaneamente, como estratégia de enfrentamento à precarização e como espaço de construção política e subjetiva, o que reforça a ideia de que as economias alternativas operam não apenas na dimensão material da vida, mas também em seu tecido relacional, afetivo e simbólico.

2.2.7 Responsabilidade com o Cuidado

A maioria das participantes (58,8%) não se declara responsável direta pelo cuidado de outras pessoas. No entanto, um número expressivo (41,2%) assume tarefas de cuidado, sendo:

GRÁFICO 8 - Participantes dos Varal das Mina e a Responsabilidade pelo cuidado de outras pessoas



Fonte: A autora (2024)

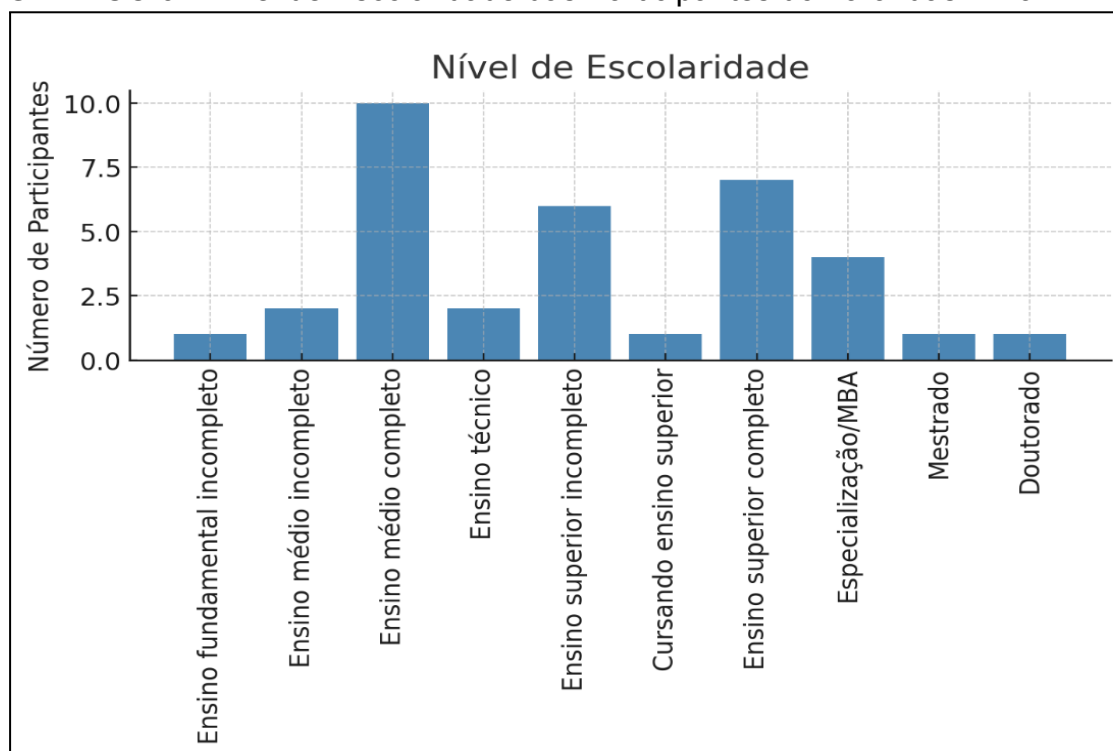
Filhos/as: A principal categoria de cuidado mencionada, evidenciando a sobrecarga do trabalho reprodutivo e doméstico historicamente atribuído às mulheres, como aponta Federici (2019). Pais/mães e outros familiares: Também aparecem com relevância, o que dialoga com o conceito de trabalho de cuidado ampliado, muitas vezes invisibilizado no sistema econômico (Carrasco, 2011).

Esses dados reforçam as críticas da economia feminista, que denuncia a desvalorização e a falta de suporte público para esse tipo de trabalho, geralmente não remunerado e absorvido pelas mulheres em suas múltiplas jornadas.

Mesmo quando essas mulheres buscam alternativas de geração de renda como o Varal das Mina, muitas ainda estão acumulando funções familiares intensas, o que pode limitar sua disponibilidade e energia para se dedicar plenamente a suas atividades laborais, dificultando sua autonomia econômica plena.

2.2.8 Escolaridade

GRÁFICO 9 - Nível de Escolaridade das Participantes do Varal das Mina



Fonte: A autora (2024).

O grupo apresenta um nível educacional elevado, com 13 participantes tendo concluído ensino superior ou mais (superior completo, especialização, mestrado e doutorado). Considerando também as 6 pessoas com ensino superior incompleto e 1 cursando, temos 20 de 34 respondentes (quase 60%) com passagem pela universidade, o que revela:

Um grupo com capital educacional importante, mesmo que não necessariamente convertido em emprego formal (como os dados anteriores sugeriram, muitas não têm o Varal das Mina como principal fonte de renda); e a diversidade de trajetórias educacionais reforça a proposta inclusiva e plural.

Além disso, três participantes não concluíram o ensino médio, evidenciando a presença de mulheres em maior vulnerabilidade educacional. Isso mostra que o Varal das Mina acolhe mulheres com diferentes níveis de escolaridade, e pode ser um espaço de valorização de saberes não formais e populares.

Como aponta Singer (2002), a economia solidária oferece uma alternativa ao mercado de trabalho tradicional, permitindo que diferentes perfis de pessoas —

inclusive com menor escolaridade formal — acessem renda e autonomia através de redes colaborativas e autogestionárias.

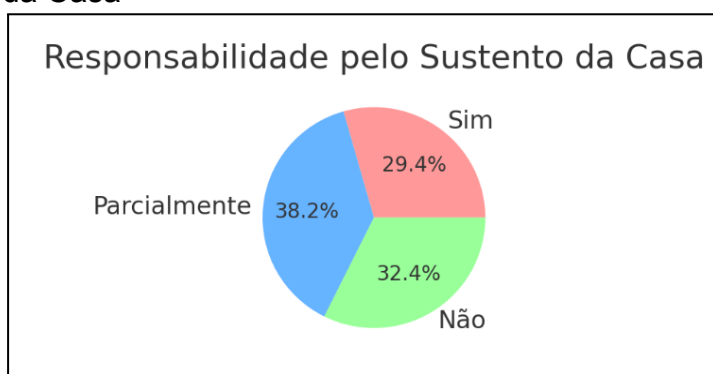
Se relacionarmos os dados de escolaridade com as principais fontes de renda, pode-se observar que: Apenas 8 de 34 participantes afirmam que o Varal das Mina é sua principal fonte de renda, dessas 8 mulheres, nenhuma possui pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado). E a maior parte das que têm o Varal como renda principal possuem ensino médio completo ou inferior (5 de 8).

Isso indica que, apesar da alta escolaridade geral, o Varal das Mina ainda é mais relevante economicamente para mulheres em situação de maior vulnerabilidade educacional, o coletivo cumpre, assim, um papel importante como estratégia de sobrevivência e autonomia financeira para essas participantes.

Se relacionarmos os dados de escolaridade de número de filhos observa-se que mulheres sem filhos tendem a ter escolaridade mais alta: todas com doutorado, mestrado ou especialização não têm filhos; mulheres com 3 ou mais filhos concentram-se nos níveis mais baixos de escolaridade, especialmente ensino médio incompleto e entre as mulheres com ensino médio completo ou inferior, a maioria tem filhos (1 ou mais), o que pode estar associado a interrupções na trajetória educacional. As mulheres com ensino superior completo ou incompleto se distribuem mais equilibradamente entre ter ou não filhos. Esse cenário reforça o impacto da maternidade na continuidade da formação educacional, especialmente em contextos de baixa renda.

2.2.9 Responsabilidade pelo Sustento da Casa

GRÁFICO 10 - Participantes do Varal das Mina que são Responsáveis pelo Sustento da Casa



Fonte: A autora (2024).

A maioria das participantes (41,2%) afirma ser parcialmente responsável pelo sustento da casa, o que aponta para um cenário de divisão de encargos econômicos, possivelmente com companheiros, familiares ou outras fontes complementares de renda. Esse dado reforça a ideia de que muitas mulheres atuam como co-provedoras, mesmo quando não têm a renda principal.

Quase um terço (29,4%) se declara responsável integral pelo sustento da casa, indicando um número expressivo de mulheres provedoras, o que pode estar relacionado a situações de chefia de família, maternidade solo ou autonomia econômica. Isso reforça a importância de políticas públicas e ações de apoio voltadas para mulheres que sustentam sozinhas seus lares, muitas vezes acumulando também o trabalho de cuidado.

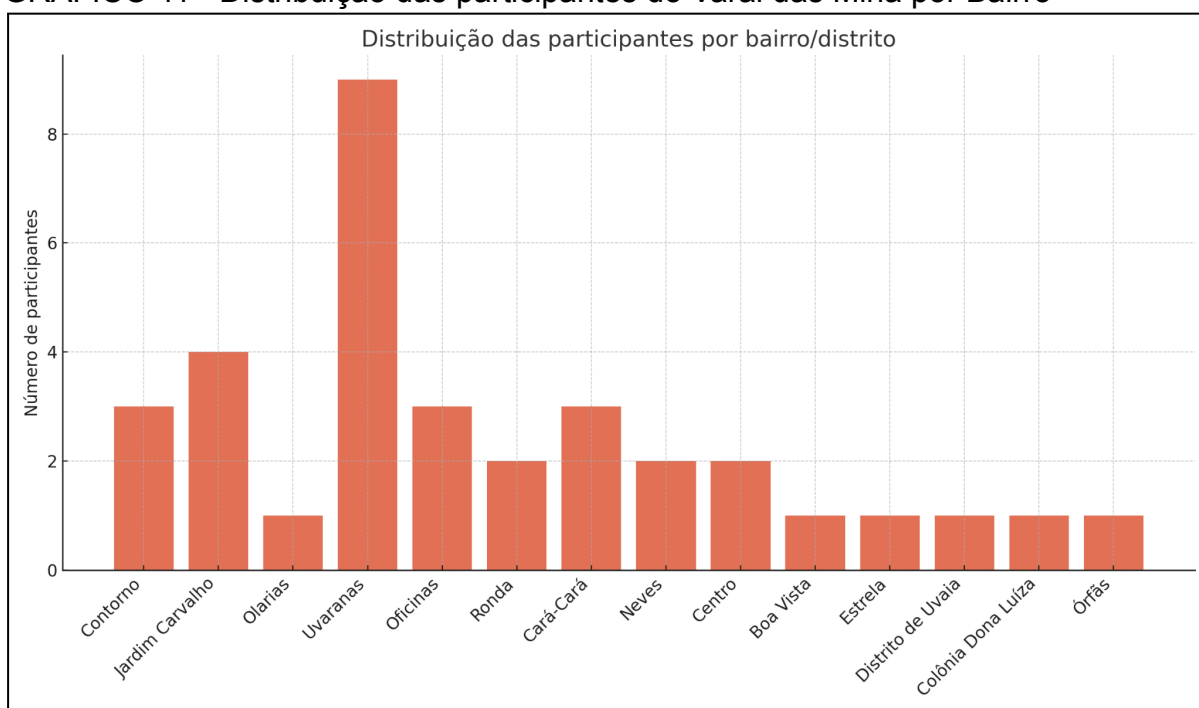
Outro terço (29,4%) afirma não ser responsável pelo sustento da casa, o que pode refletir contextos de dependência econômica, seja por escolha (como mães em tempo integral), desemprego, baixa escolaridade, cuidado com outras pessoas ou inserção precária no mercado de trabalho. É um indicativo da vulnerabilidade de parte dessas mulheres.

A distribuição relativamente equilibrada entre as três opções revela um grupo heterogêneo em termos de autonomia econômica. Há mulheres plenamente independentes, outras que compartilham a responsabilidade, e ainda aquelas que se encontram em condição de dependência financeira – seja temporária ou estrutural.

2.2.10 Distribuição por Bairros

A análise da variável “Em qual bairro/distrito você mora?” revela uma significativa diversidade geográfica entre as participantes do coletivo Varal das Mina. Essa diversidade territorial indica que o coletivo não está circunscrito a um bairro específico, mas se configura como uma experiência com capilaridade urbana, que dialoga com diferentes realidades sociais e econômicas da cidade de Ponta Grossa.

GRÁFICO 11 - Distribuição das participantes do Varal das Mina por Bairro



Fonte: A autora (2024)

O bairro de Uvaranas aparece como o mais representado, com 9 das 34 participantes (26,5%), seguido por Jardim Carvalho (4 participantes), Contorno (3), Cará-Cará (3) e Oficinas (3). Esses cinco bairros, juntos, concentram aproximadamente 64,7% das respondentes. Essa concentração pode estar relacionada a um maior engajamento comunitário nessas regiões — algo que merece ser aprofundado em estudos futuros. Como destaca Gohn (2010), os espaços urbanos de maior ativação coletiva tendem a concentrar iniciativas solidárias e redes de apoio mútuo.

A presença de participantes em bairros como Neves, Boa Vista, Colônia Dona Luíza, Estrela, Ronda, Centro, Órfãs e até mesmo no Distrito de Uvaia demonstra que o coletivo alcança uma amplitude geográfica relevante, tocando tanto territórios centrais quanto periferias urbanas e zonas rurais. Essa multiplicidade territorial enriquece o projeto do Varal das Mina, mas também impõe desafios logísticos, especialmente no que se refere à mobilidade urbana, comunicação entre membros e acesso igualitário às oportunidades do coletivo.

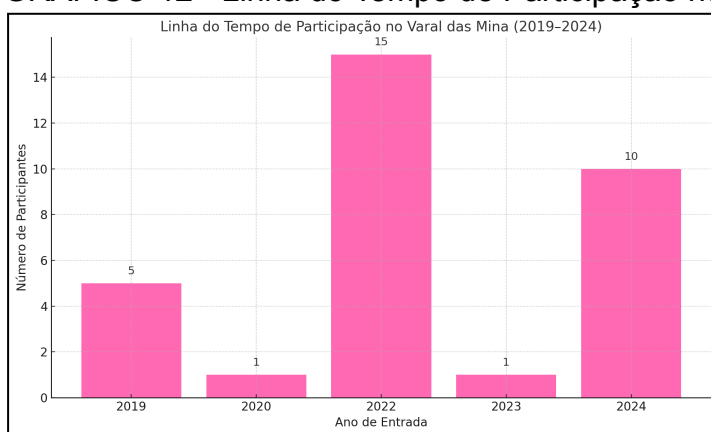
A presença de moradoras do Distrito de Uvaia e de regiões mais afastadas da área central aponta para o potencial do coletivo em romper com barreiras de localização e operar como espaço de encontro para mulheres de diferentes trajetórias. Isso reforça a dimensão inclusiva e descentralizada das economias

alternativas, que, como defendem Coraggio (2013) *apud* Diniz (2017) e Laville (2009a), não se limitam a locais institucionalizados, mas emergem de vínculos de confiança e reciprocidade espalhados pelo território.

Além disso, essa diversidade espacial pode ser interpretada à luz da geografia do cuidado (Orozco, 2019), considerando que as condições de deslocamento, o tempo disponível e as redes de suporte variam significativamente entre bairros mais e menos infraestruturados. Portanto, o território não é apenas um dado logístico, mas uma dimensão política e social que atravessa as possibilidades de participação das mulheres em espaços coletivos e autogestionados.

2.2.11 Ano de Início de Participação

GRÁFICO 12 - Linha do Tempo de Participação no Varal das Mina (2019-2024)



Fonte: A autora (2024).

44% das participantes entraram no projeto em 2022 (15 de 34). Esse ano parece ter sido um marco de consolidação do Varal das Mina, indicando crescimento e possivelmente maior estruturação da iniciativa. 29% passaram a participar em 2024, o que mostra que o coletivo segue atraente e acessível para novas participantes. Esse dado revela a capacidade de renovação do grupo, um indicativo positivo de continuidade e impacto.

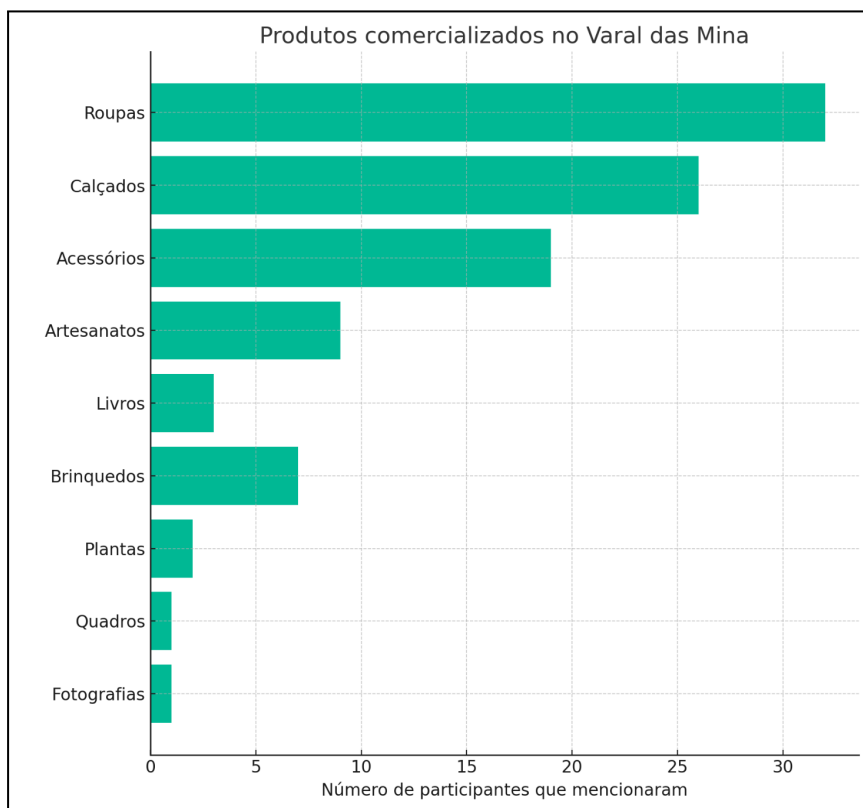
15% estão desde 2019 ou 2020. Essa base antiga demonstra comprometimento de longo prazo e pode representar uma rede de apoio importante dentro do coletivo (liderança, memória institucional, mentoria).

2.2.12 Produtos Comercializados

A análise da questão “Que tipos de produtos você comercializa no Varal das Mina?” revela uma ampla diversidade de itens ofertados pelas participantes, com destaque para categorias tradicionalmente ligadas ao consumo pessoal, à criatividade e ao cuidado. A maioria das respondentes assinalou mais de uma opção, o que reforça a presença de uma lógica pluriativa e multifuncional no exercício da atividade econômica dentro do coletivo.

Os produtos mais frequentemente mencionados foram roupas (mencionadas por quase todas as participantes), seguidas por calçados e acessórios. Essa prevalência se articula diretamente à proposta central do Varal, originalmente voltado para o reaproveitamento e circulação de roupas de segunda mão. A alta incidência desses itens reforça o papel do coletivo como alternativa concreta à lógica do consumo descartável da moda.

GRÁFICO 13 - Produtos Comercializados no Varal das Mina



Fonte: A autora (2024)

Outro aspecto relevante é a presença de produtos como artesanatos, brinquedos, plantas, livros, quadros e até fotografias, ainda que com menor

frequência. Esses itens apontam para a criatividade e o protagonismo produtivo das participantes, evidenciando o Varal não apenas como espaço de circulação de bens usados, mas também como plataforma de expressão artística, produção cultural e resistência simbólica. Como afirma Coraggio (1998), a economia popular urbana não se restringe à reprodução de bens de consumo, mas inclui processos de subjetivação e identidade por meio da produção.

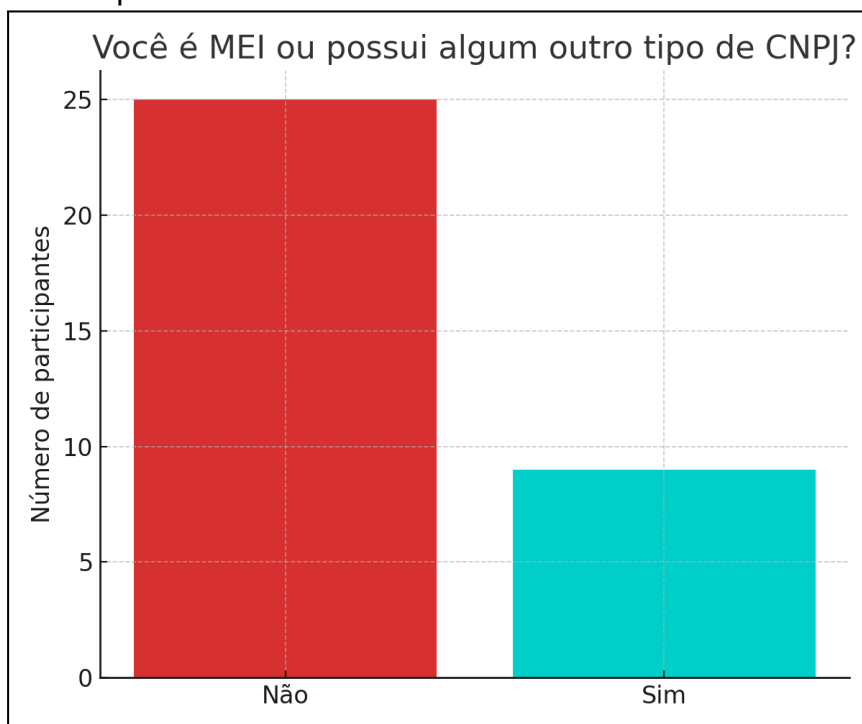
A variedade de produtos comercializados também demonstra que o Varal das Mina atua como espaço de experiência empreendedora autônoma, onde as participantes podem experimentar formatos de produção, testar aceitação de mercado e desenvolver habilidades de curadoria, precificação e apresentação.

Além disso, a presença de categorias associadas ao cuidado (como brinquedos, plantas e itens artesanais) indica a importância da dimensão reprodutiva do trabalho na construção das economias alternativas. Esses produtos estão intimamente ligados à vida cotidiana, ao cuidado com os outros e à manutenção dos vínculos afetivos e sociais — pilares muitas vezes invisibilizados nas análises econômicas tradicionais.

2.2.13 Formalização

A maioria das participantes do Varal das Mina declarou não possuir registro como Microempreendedora Individual (MEI) ou outro tipo de CNPJ. Entre as 34 respondentes, apenas 9 afirmaram estar formalizadas, enquanto 25 declararam não possuir nenhuma forma de registro oficial de suas atividades econômicas. Esse dado, por si só, já evidencia a predominância de práticas informais e autônomas no interior do coletivo.

GRÁFICO 14 - Participantes do Varal das Mina que Possuem Registro de MEI ou Outro Tipo de CNPJ



Fonte: A Autora (2024)

A informalidade, contudo, deve ser compreendida para além da ausência de CNPJ ou enquadramento jurídico. Trata-se de uma forma historicamente estruturante da economia urbana popular no Brasil, especialmente entre as mulheres, que encontram na informalidade meios flexíveis, acessíveis e auto-organizados de inserção produtiva. Como argumenta Coraggio (2007), essas práticas não devem ser vistas como "atrasos" a serem superados, mas como expressões legítimas de resistência e construção de alternativas econômicas à margem do capital.

A baixa adesão ao MEI pode estar relacionada a vários fatores estruturais e subjetivos, como:

- Desconhecimento sobre o processo de formalização;
- Burocracias e exigências incompatíveis com a realidade de microempreendimentos femininos autônomos;
- Medo da vigilância fiscal ou perda de benefícios sociais (como o Bolsa Família);
- Ou ainda, uma escolha política consciente, voltada à manutenção de uma lógica de autogestão e solidariedade, dissociada da formalidade estatal ou mercantil.

É importante ressaltar que, mesmo entre aquelas que declararam possuir CNPJ, isso não significa necessariamente estabilidade, acesso a crédito ou inserção plena no mercado formal. Muitas mulheres se formalizam por necessidade, por exigências de editais públicos ou para acessar feiras e eventos, mas continuam operando em contextos de precarização, sobrecarga e múltiplas jornadas.

No contexto do Varal das Mina, a informalidade também se configura como espaço de liberdade e invenção, permitindo que mulheres experimentem, testem e criem seus próprios caminhos produtivos. Assim, os dados não indicam necessariamente um “déficit de formalização”, mas sim a existência de formas plurais de empreender, negociar e circular renda, que desafiam os modelos tradicionais de regulação e apontam para outras formas de viver a economia.

2.2.14 Motivação

As motivações declaradas pelas participantes do Varal das Mina revelam a complexidade de razões que impulsionam mulheres a se engajar em iniciativas econômicas alternativas. A análise das 34 respostas abertas permite identificar padrões recorrentes de sentido, que se articulam em torno de pelo menos cinco grandes categorias: renda, coletividade, sustentabilidade com a proposta (como o gosto por brechós ou artesanato) e visibilidade/empreendedorismo. Observe no Quadro 1:

QUADRO 1 - Motivações declaradas pelas participantes do Varal das Mina
(continua)

Nº	Resposta (resumo)	Categorias atribuídas
1	possibilidade de aumento da renda	Renda
2	durante a pandemia, comecei a vender desapegos, depois conheci o Varal; motivação: renda extra e circular boas roupas	Renda / Circularidade
3	sempre amei brechó, queria fazer algo diferente, me inscrevi	Apreço por brechó
4	mostrar meus produtos a mais pessoas	Visibilidade / Empreendedorismo
5	complementação de renda	Renda
6	gosto por brechó	Apreço por brechó

QUADRO 1 - Motivações declaradas pelas participantes do Varal das Minas

(continuação)

Nº	Resposta (resumo)	Categorias atribuídas
7	flexibilidade de horário, retorno à cidade	Flexibilidade / Retorno territorial
8	aposentei, virei artesã, queria vender e ter contato com pessoas	Empreendedorismo / Contato social
9	minha nora já participava, gostei do ambiente coletivo e acolhedor	Coletividade / Acolhimento
10	reutilizar roupas e participar do coletivo	Circularidade / Coletividade
11	vender e lucrar, uma fonte de renda	Renda
12	sustentabilidade, moda, interesses pessoais e renda	Sustentabilidade / Renda / Interesse pessoal
13	renda com brechó e costura	Renda
14	renda, amizades, reutilizar o que iria ao lixo	Renda / Coletividade / Sustentabilidade
15	coletividade, apoio das demais	Coletividade
16	grupo alinhado com princípios de sustentabilidade, convivência, crescimento	Sustentabilidade / Crescimento pessoal
17	divulgar trabalho online, conhecer pessoas e brechós	Divulgação / Rede
18	expor artesanato e ganhar visibilidade, gosto da proposta do coletivo	Visibilidade / Artesanato / Coletivo
19	desapegar do que não uso mais, promover moda sustentável	Desapego / Sustentabilidade
20	sustentabilidade, valor, empoderamento feminino	Sustentabilidade / Empoderamento
21	amor por brechó e renda extra	Apreço por brechó / Renda
22	renda extra	Renda
23	visibilidade e união de meninas	Visibilidade / Coletividade
24	já participei de outros coletivos e gosto	Experiência prévia em coletivos
25	networking e vendas	Empreendedorismo / Rede

QUADRO 1 - Motivações declaradas pelas participantes do Varal das Mina
(conclusão)

Nº	Resposta (resumo)	Categorias atribuídas
26	coletividade	Coletividade
27	alimentar renda	Renda
28	necessidade de renda	Renda
29	desapego	Desapego
30	união do coletivo	Coletividade
31	ter meu próprio dinheiro, ajudar na renda familiar e fazer algo que gosto	Autonomia financeira / Gosto pessoal
32	vender artesanato e brechó	Artesanato / Brechó
33	oportunidade de empreender	Empreendedorismo
34	harmonia, cooperação, amizade, evento bonito e lucrativo	Coletividade / Harmonia / Lucro

Fonte: A autora (2024)

A categoria mais mencionada é a necessidade de geração de renda, seja como complemento, principal fonte, ou forma de alcançar autonomia financeira. Frases como “possibilidade de aumento da renda”, “renda extra” e “ajudar na renda familiar” são recorrentes e evidenciam que a motivação econômica é central para a maior parte das participantes. A presença dessa motivação confirma o papel do Varal como espaço de sobrevivência econômica e empoderamento produtivo, característica típica das economias populares urbanas (Coraggio, 2007; Laville, 2009).

A segunda motivação recorrente está relacionada à coletividade e à construção de redes de apoio mútuo entre mulheres. Muitas participantes destacam a importância do ambiente colaborativo, da amizade, da partilha de experiências e do sentimento de pertencimento: “as meninas são muito unidas, umas ajudam as outras”, “a coletividade, o apoio das demais” e “harmonia, colaboração, amizade”.

Outro eixo importante nas falas é a sustentabilidade e a preocupação com o reaproveitamento de roupas e objetos. Participantes falam sobre a importância de reutilizar o que seria descartado, promover a moda circular e consumir de forma mais consciente. Esse dado demonstra que o Varal é percebido não apenas como

espaço de renda, mas também como uma prática ambientalmente responsável, que contribui para a circularidade dos bens de consumo e a redução de resíduos.

Uma quarta motivação envolve o interesse subjetivo e simbólico na proposta, como o gosto por brechós, o desejo de trabalhar com artesanato ou a identificação com a estética e o propósito do coletivo. Aqui, a dimensão do prazer, da realização pessoal e da criatividade se destaca. Esse tipo de motivação mostra que o Varal das Mina é também um espaço de expressão individual e experimentação empreendedora.

Por fim, aparecem com menor frequência, mas ainda com relevância, motivações ligadas à visibilidade profissional e expansão de redes: divulgar trabalhos, ampliar contatos e fortalecer empreendimentos pessoais. Isso indica que o coletivo também atua como plataforma de desenvolvimento pessoal e profissional, especialmente para mulheres autônomas e microempreendedoras que buscam ampliar seu alcance local.

A partir das categorias acima, podemos dialogar com algumas abordagens teóricas das economias alternativas. A participação no Varal das Mina pode ser entendida como uma prática de economia solidária, onde a geração de renda, a autogestão e os valores coletivos se entrelaçam. Também se encaixa dentro de uma perspectiva feminista, ao romper com a lógica tradicional do trabalho assalariado e ao reconhecer a importância de espaços geridos por e para mulheres, pautados no acolhimento, no apoio mútuo e no empoderamento.

Os depoimentos das participantes indicam que o Varal das Mina tem se configurado como uma importante via de inserção no universo do empreendedorismo, especialmente entre mulheres em contextos de informalidade e com recursos financeiros limitados. Essa experiência evidencia o protagonismo feminino na criação de alternativas econômicas a partir de seus próprios territórios e vivências.

Contudo, é necessário problematizar o uso do termo “empreendedorismo”, que, conforme apontam autores como Dagnino (2010) e Singer (2002), vem sendo apropriado hegemonicamente pelo discurso neoliberal como sinônimo de autonomia individual e superação da pobreza via esforço próprio. Esse modelo, centrado na responsabilização individual, contrasta com os princípios da Economia Solidária, que, segundo Gaiger (2004c), está fundada na cooperação, na autogestão e na

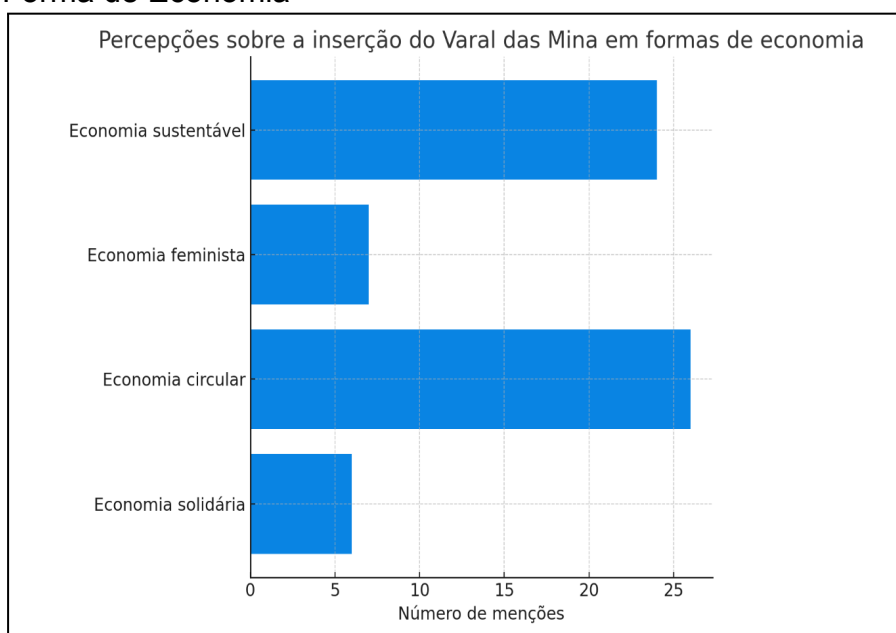
valorização dos saberes coletivos, promovendo formas de organização do trabalho mais democráticas e menos hierárquicas.

As falas das participantes do Varal revelam, portanto, uma heterogeneidade de compreensões e práticas: ora se aproximando da lógica do empreendedorismo tradicional, ora se alinhando aos princípios da Economia Solidária. Essa ambivalência aponta para a complexidade das estratégias de sobrevivência e resistência adotadas por mulheres cujas experiências atravessam tanto as exigências do mercado quanto os valores da coletividade e do cuidado mútuo.

2.2.15 Relação do Coletivo com as Economias Alternativas Segundo as Participantes

A análise das respostas à questão “Quais dessas formas de economia você acha que o Varal das Mina se encaixa?” evidencia que as participantes atribuem ao coletivo um caráter plural e multidimensional. Foram assinaladas majoritariamente quatro categorias: economia sustentável, economia circular, economia feminista e economia solidária, com destaque para as duas primeiras, que aparecem em mais de 25 respostas cada.

GRÁFICO 15 - Percepção das Participantes Sobre a Inserção do Varal das Mina em Forma de Economia



Fonte: A autora (2024)

A predominância das menções à economia sustentável e à economia circular revela uma percepção coletiva de que o Varal das Mina se insere em práticas que priorizam o reaproveitamento de recursos, a redução do desperdício e a responsabilidade socioambiental. Essa leitura está em sintonia com os objetivos práticos do coletivo, especialmente no que se refere à comercialização de roupas e objetos reutilizados, propondo um modelo de consumo mais consciente. Como destaca Sachs (2002), a sustentabilidade deve ser compreendida de forma ampla, integrando justiça social e equilíbrio ambiental — aspectos que o Varal mobiliza a economia, o território e a coletividade.

A economia circular, fortemente mencionada, é percebida pelas participantes como uma lógica subjacente à dinâmica do Varal: a rotatividade de peças, a extensão do ciclo de vida de produtos e a valorização do reuso compõem a base da iniciativa. Nesse sentido, o Varal das Mina se alinha a propostas como as de Stahel (2010), que defendem a circularidade como alternativa concreta à economia linear de extração, consumo e descarte.

Menções à economia feminista também são relevantes, embora menos frequentes do que às anteriores. Elas expressam um entendimento — mesmo que implícito — de que o coletivo representa um espaço de valorização do trabalho das mulheres, redistribuição do cuidado e autonomia econômica a partir da lógica da reciprocidade e da solidariedade. A perspectiva feminista da economia, conforme propõem autoras como Orozco (2019) e Federici (2019), desloca o foco da produção para a reprodução social da vida, algo que se materializa na prática do Varal como espaço de acolhimento, criatividade e autossustento.

Por fim, embora com menor frequência, a economia solidária também é reconhecida como categoria identitária do coletivo. Isso indica que parte das participantes identifica no Varal elementos de autogestão, cooperação e construção coletiva, mesmo que o termo não seja amplamente apropriado no discurso cotidiano. Tal ambivalência pode ser explicada pela falta de familiaridade conceitual com o termo “solidária”, sem que isso comprometa a presença real de seus princípios no funcionamento do coletivo.

Em síntese, os dados demonstram que o Varal das Mina é percebido pelas participantes como uma experiência híbrida, que combina elementos de diferentes formas de economia alternativa. Essa multiplicidade reflete a própria natureza do coletivo, que articula práticas sustentáveis, relações de cuidado e solidariedade,

gestão compartilhada e enfrentamento à lógica do consumo hegemônico. A percepção das participantes valida, portanto, a ideia de que o Varal das Mina opera como expressão concreta de economias alternativas interseccionadas, situando-se entre o político, o ambiental e o social.

As respostas à pergunta “Como você descreve as formas de economia que selecionou na questão anterior?” evidenciam uma diversidade de compreensões sobre os conceitos de economia sustentável, economia circular, economia feminista e economia solidária entre as participantes do Varal das Mina. Ainda que em sua maioria essas compreensões não adotem uma linguagem técnica, elas demonstram apropriações práticas e afetivas dos conceitos, baseadas na experiência concreta do trabalho realizado no coletivo. Para melhor compreender as respostas foram categorizadas e dispostas na tabela a seguir:

Quadro 2 - Respostas das Participantes do Varal das Mina à pergunta “Como você descreve as formas de economia que selecionou na questão anterior?”

(continua)

Nº	Resposta (resumo)	Categorias atribuídas
1	Valor das roupas e a qualidade, facilidade para comprar	Circular / Sustentável (implícita)
2	Incentiva a compra de peças que já existem	Sustentável / Circular
3	Feito de mulheres e para mulheres	Feminista
4	Colocamos em circulação peças paradas	Circular
5	Renda + ajuda ao meio ambiente	Sustentável / Circular
6	Incentivar uso de roupas sustentáveis	Sustentável
7	Produtos reaproveitados; feito por/com mulheres	Sustentável / Circular / Feminista
8	Dar valor a uma peça nas mãos de outra pessoa	Circular
9	Moda circular é tendência de alto impacto	Circular / Sustentável
10	Reduz desperdício e promove uso consciente	Circular / Sustentável
11	Peças circulam mais e têm qualidade	Circular
12	Cuidar do planeta + força feminina	Sustentável / Feminista
13	Todas capazes e incríveis	Feminista (simbólica)
14	Autonomia alternativa, consciente	Feminista / Sustentável
15	Circulação de roupas e dinheiro	Circular

Quadro 2 - Respostas das Participantes do Varal das Mina à pergunta “Como você descreve as formas de economia que selecionou na questão anterior?”

(conclusão)

Nº	Resposta (resumo)	Categorias atribuídas
16	Curadoria e reutilização tornam útil novamente	Circular
17	Consciente, justo, ajuda o meio ambiente	Sustentável / Circular
18	Acesso a peças + uso prolongado dos itens	Solidária / Circular / Sustentável
19	Curadoria com novo destino às roupas	Circular / Sustentável
20	Gera menos lixo, renda para mulheres	Sustentável / Feminista / Circular
21	Moda circular como sustento feminino	Circular / Feminista
22	Um serve para outro, consumo consciente	Circular / Sustentável
23	Brechó é economia circular	Circular
24	Solidariedade, trabalho coletivo	Solidária
25	Reentrada no circuito econômico	Circular / Sustentável
26	Meio ambiente + pequenos comércios	Sustentável / Solidária
27	Roupas vendidas novamente geram sustento	Circular / Popular
28	Prática comum no exterior, reduz descarte	Circular / Sustentável
29	Sustentabilidade via moda circular	Circular / Sustentável
30	Inclusão social, corrente do bem	Solidária
31	Economia total	Geral / Ambígua
32	Descrevo como verdade	Ambígua (sem categorização)
33	Moda girar, meio ambiente	Circular / Sustentável
34	Menor emissão de carbono com reaproveitamento	Sustentável / Circular

Fonte: A autora (2024)

A economia circular foi amplamente mencionada nas descrições como prática associada ao reaproveitamento de roupas e produtos, evitando o descarte e promovendo a reutilização. Muitas participantes compreendem a lógica circular como uma maneira de “fazer as peças circularem”, “dar novo valor ao que estava parado” e “diminuir o consumo de peças novas”, indicando um entendimento próximo ao conceito técnico de economia circular, que visa minimizar resíduos e manter produtos em uso pelo maior tempo possível.

A economia sustentável aparece associada a práticas de consumo consciente, ao cuidado com o meio ambiente e à valorização de roupas de segunda mão como forma de redução de impactos ambientais. As falas apontam para uma compreensão da sustentabilidade como responsabilidade coletiva e pessoal, por meio de ações como o consumo de brechós e a escolha por não descartar peças em bom estado.

No caso da economia feminista, ainda que menos mencionada em volume, é descrita como um espaço de autonomia financeira feminina, de fortalecimento de laços entre mulheres e como forma de rompimento com padrões econômicos tradicionais. Algumas participantes associam o Varal a um coletivo “feito por mulheres e para mulheres”, onde há valorização do cuidado, da sororidade e da coletividade, que são categorias centrais da economia feminista.

A economia solidária, embora menos referenciada explicitamente, é percebida em descrições que valorizam a “união”, a “coletividade”, a “corrente do bem” e a “cooperação entre quem produz, vende, compra e troca”. Tais elementos dialogam com os princípios da economia solidária enquanto forma de organização econômica baseada na autogestão, na cooperação e na valorização dos vínculos comunitários (Gaiger, 2004a).

As falas revelam, portanto, uma hibridização de conceitos, onde os limites entre as diferentes formas de economia não estão rigidamente definidos, mas são experienciados de maneira entrelaçada. Isso evidencia tanto a riqueza interpretativa das participantes, quanto os desafios teóricos de aplicar categorias acadêmicas a experiências concretas de iniciativas populares. Esse fenômeno reforça a importância de reconhecer os saberes situados, que articulam teoria e prática no cotidiano das participantes, e que contribuem para uma reinterpretação crítica e ampliada das noções de economia alternativa.

A análise das três últimas perguntas do questionário revela um conjunto de sentidos atribuídos pelas participantes à sua atuação no Varal das Minas, evidenciando como as vivências concretas de trabalho e renda se entrelaçam com formas de compreender e nomear suas práticas econômicas.

As motivações para participar do coletivo giram, em sua maioria, em torno da necessidade de geração de renda – muitas vezes em contextos de desemprego, informalidade ou busca por autonomia financeira. Ao mesmo tempo, diversas falas apontam para um envolvimento que vai além da dimensão econômica, evidenciando

o desejo de participar de uma rede de apoio entre mulheres, de atuar com sustentabilidade e de encontrar no brechó uma prática prazerosa, criativa e politicamente significativa.

Essas motivações se conectam com as formas de economia que as participantes identificam como parte do Varal. A maioria reconhece no coletivo práticas ligadas à economia circular e à economia sustentável, associando-as ao reaproveitamento de peças, à redução do consumo e ao cuidado com o meio ambiente. A economia feminista aparece com menor frequência, mas fortemente associada à sororidade, empoderamento e autonomia de mulheres, enquanto a economia solidária é mencionada em menor número de respostas, mas aparece de forma implícita em discursos que valorizam a coletividade, a cooperação e o suporte mútuo.

As descrições qualitativas dessas formas de economia mostram que, embora nem todas as participantes dominem os conceitos em sua formulação teórica, elas os vivenciam cotidianamente por meio de práticas como o compartilhamento de saberes, o apoio mútuo, a reutilização criativa de roupas e o fortalecimento de redes locais de trabalho. Tais práticas evidenciam uma forma de “aprender fazendo”, onde a teoria é incorporada pelas experiências concretas de vida e trabalho.

Essa relação entre prática e conceito revela também uma tensão entre lógicas econômicas distintas: de um lado, uma motivação por empreender e gerar renda de forma individualizada (alinhada ao discurso dominante do empreendedorismo); de outro, a valorização de princípios da economia solidária e feminista, centrados na cooperação, na reciprocidade e na justiça social. Essa ambivalência demonstra que o Varal das Mina opera como um espaço híbrido, onde múltiplas racionalidades econômicas convivem e são reinterpretadas à luz das necessidades e dos desejos das mulheres que o compõem.

Portanto, o Varal não apenas permite a geração de renda, mas também promove reconhecimento, pertencimento e transformação social, atuando como um campo fértil para o exercício de formas alternativas de economia, ainda que nem sempre nomeadas como tal pelas participantes. Essa heterogeneidade de sentidos deve ser entendida não como uma contradição, mas como uma riqueza própria de práticas econômicas vividas por mulheres em contextos populares e periféricos, que resistem e reinventam os modos de produzir, consumir e viver.

2.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM AS ORGANIZADORAS DO COLETIVO VARAL DAS MINA

Após a análise dos dados quantitativos relacionados às variáveis centrais desta pesquisa – tais como geração de renda, reaproveitamento de materiais, protagonismo feminino, entre outras –, tornou-se necessário complementar os resultados a partir de uma abordagem qualitativa, de modo a captar as experiências, sentidos e estratégias concretas construídas pelas organizadoras do coletivo Varal das Mina.

Com isso, esta etapa da pesquisa tem como objetivo aprofundar a compreensão das práticas e significados envolvidos na atuação do coletivo, articulando os dados empíricos às referências teóricas sobre economia alternativa, circular, solidária, feminista e sustentável. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro organizadoras do coletivo, analisadas a partir da técnica de análise temática de conteúdo, conforme Bardin (2011).

As quatro organizadoras entrevistadas apresentam tempos diversos de envolvimento com o Varal das Mina, tanto como participantes quanto como gestoras. Essa variação ajuda a entender a dinâmica de rotatividade e continuidade no processo de autogestão do coletivo.

Duas organizadoras estão envolvidas com o coletivo desde sua fundação, em 2018, o que indica uma trajetória de engajamento histórico e profundo com a proposta. Uma delas participou da organização inicialmente entre 2018 e 2020 e retornou em 2024, após um período de afastamento. A outra teve uma atuação intermitente na organização, participando da equipe por dois anos com pausas, o que revela a flexibilidade e permeabilidade dos papéis organizativos no coletivo.

Uma terceira organizadora está no coletivo há cinco anos, sendo que há dois anos atua diretamente na organização. Seu tempo estável de participação indica continuidade e consolidação da experiência como liderança.

A quarta entrevistada, apesar de ter o tempo de vínculo mais recente (2 anos e 1 mês), já atua na organização há 4 meses, o que evidencia que a inserção em funções organizativas pode ocorrer de forma relativamente rápida, especialmente diante da necessidade de renovação das lideranças.

As entrevistas revelam uma compreensão plural, mas consistente, sobre os fundamentos que sustentam a iniciativa, seus desafios e sua inserção nas

dimensões política, social, cultural e econômica. Ainda que as experiências sejam singulares, é possível identificar pontos de convergência que apontam para a natureza complexa e híbrida do coletivo, articulando práticas solidárias, econômicas e afetivas.

A criação do Varal das Mina é compreendida, pelas entrevistadas, como resposta a uma necessidade concreta de geração de renda, especialmente a partir do reaproveitamento de peças usadas, no contexto da moda circular. Para todas, a motivação inicial envolve tanto oportunidade econômica quanto conexões sociais e afetivas entre mulheres. A Organizadora 2 (2024) refere: *“Um coletivo de mulheres que empreendem artesanato, brechó, plantas, etc. Uma oportunidade de trabalho. O que nos mantém é união, juntas somos fortes e nos fortalecemos umas às outras.”*, a Organizadora 3 (2024) refere:

“[...] A hora que uma está de novo desanimada, a outra vai lá e mostra que a gente tem potencial, que tem força, que a união, que a troca, que faz o coletivo acontecer. Que não é fácil manter, mas com a união, com a troca das meninas, no final vale a pena.” (Organizadora 3, 2024).

Palavras como “troca”, “união”, “força”, “empatia” e “apoio” aparecem reiteradamente, revelando a importância das relações de solidariedade e cuidado na constituição do coletivo.

A permanência e continuidade do Varal, por sua vez, são atribuídas ao empenho coletivo, à persistência das mulheres organizadoras e à resiliência frente às dificuldades logísticas, financeiras e políticas. Em diversas falas, destaca-se o esforço cotidiano para manter a regularidade do evento, muitas vezes apoiado em trabalho voluntário e em redes de apoio mútuo. Essa prática dialoga diretamente com os princípios da economia solidária, conforme propostos por Gaiger (2004b) e Coraggio (2007), em que a autogestão e a cooperação são pilares fundamentais.

As opiniões sobre a relação do coletivo com a política apresentam nuances. Duas organizadoras reconhecem explicitamente que toda ação coletiva é atravessada por questões políticas, mesmo que o Varal não esteja vinculado institucionalmente a partidos, *“A política está em todas as relações, mas não fazemos parte de partido político. Somos independentes”* refere a Organizadora 2 (2024). Uma terceira entrevistada menciona que o grupo busca manter uma postura neutra, especialmente para não excluir mulheres com visões diferentes, *“[...] o varal*

mesmo em si tenta sempre ser neutro nessa questão, afinal, a ideia é abranger mulheres, independente de qualquer ideal, religião, lado político, etc” refere a Organizadora 4 (2024). Já outra afirma que não há relação com a política no momento. Essas diferentes respostas evidenciam uma tensão típica de coletivos autogeridos, que desejam afirmar sua autonomia, mas que inevitavelmente se situam no campo do político — especialmente ao abordar pautas como sustentabilidade, acesso ao trabalho e organização feminina.

No aspecto cultural, todas as entrevistadas reconhecem a presença, mesmo que variável, de elementos como o artesanato, peças vintage, estética autoral e momentos de expressão artística. A moda circular é compreendida também como expressão cultural e como meio de valorização de histórias, estilos e saberes diversos. Ainda que as práticas culturais hoje estejam mais voltadas à comercialização de roupas e menos à música e ao teatro (presentes em fases anteriores), a percepção do Varal como espaço cultural permanece viva, *“Sim, a cultura muita vezes está presente no artesanato em nossas conversas. No passado era mais visível, hoje com a moda sustentável ficamos um pouco mais comercial do que cultural”* refere a Organizadora 2 (2024).

Nas dimensões sociais, as respostas são unânimes. O Varal é reconhecido como espaço de inclusão, empoderamento, saúde mental e acolhimento, especialmente para mulheres em situação de vulnerabilidade. A recorrência das doações mensais obrigatórias às instituições da cidade é apontada como prática concreta de solidariedade. Uma organizadora destaca inclusive que algumas mulheres participantes conseguiram retomar sua autoestima e autonomia ao ingressar no coletivo, o que remete ao conceito de reprodução social da vida, presente nas formulações da economia feminista (Orozco, 2019),

“[...] Algumas mulheres ali, elas são a única renda dentro de casa. Então, sim, envolve questão social, questão de saúde, questão, até o empoderamento delas mesmo, né? Que elas se sentem úteis, elas se sentem ali na ativa, elas se sentem bem estando ali e mostrando o trabalho delas, né?” (Organizadora 3, 2024).

As organizadoras são unânimes em reconhecer que o Varal tem impacto direto na geração de renda, sendo a única fonte de sustento para algumas participantes e um complemento importante para outras, como refere a Organizadora 1 (2024) *“sim, o coletivo é a única fonte de renda pra muitas*

participantes. E um complemento para muitas outras". Há uma compreensão compartilhada de que a iniciativa se encaixa em lógicas da economia circular, sustentável e criativa, proporcionando acesso ao consumo e à comercialização com baixos custos e de forma autônoma, *"Sempre falei que nossa economia é circular, e motivamos o consumo consciente"*, refere a Organizadora 2 (2024).

Três entrevistadas afirmam reconhecer o Varal como um exemplo de economia alternativa. Os argumentos envolvem a ruptura com formas convencionais de trabalho, o uso de produtos reutilizáveis e a valorização da autogestão e do trabalho coletivo. Uma das entrevistadas, no entanto, levanta uma reflexão relevante ao considerar que o Varal pode estar em transição para outra lógica econômica, dado o crescimento da popularidade dos brechós e a maior inserção comercial da iniciativa, *"Não sei se o Varal já não está numa fase de transição de economia, já que Brechós é o trabalho com roupas de segunda mão está em ascensão"* refere a Organizadora 1 (2024). Essa observação nos convida a refletir sobre os limites e contradições do campo das economias alternativas, que muitas vezes precisam se adaptar às exigências do mercado sem abrir mão de seus princípios fundantes.

As entrevistas com as organizadoras mostram que o Varal das Mina transcende a função mercantil, configurando-se como espaço político, afetivo, cultural e sustentável. Ele representa, ao mesmo tempo, um território de luta econômica e um campo de práticas coletivas, no qual se entrelaçam sobrevivência, empatia, criatividade e resistência cotidiana.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar esta pesquisa representa também o fechamento de um ciclo de vivências que antecederam o próprio processo investigativo. A autora esteve inserida no coletivo Varal das Mina desde 2018, convivendo com suas participantes, compartilhando desafios, conquistas e cotidianos marcados por afetos, trocas e resistência. Essa inserção direta possibilitou uma compreensão profunda e situada das dinâmicas que atravessam o coletivo, permitindo que esta dissertação fosse escrita não apenas a partir da teoria, mas também da experiência.

O Varal das Mina se mostrou, ao longo da pesquisa, muito mais do que um espaço de comercialização informal. Ele constitui um território de encontros, de construção de vínculos e de estratégias coletivas de sobrevivência e autonomia. As práticas observadas revelam como iniciativas baseadas em princípios de solidariedade, sustentabilidade, cuidado e justiça de gênero podem oferecer alternativas reais às estruturas econômicas hegemônicas.

As participantes do coletivo, em sua diversidade de histórias, escolaridades, etnias e contextos familiares, demonstram que as economias alternativas não são apenas conceitos abstratos. Elas são praticadas no cotidiano, por meio da reutilização de roupas, da autogestão dos eventos, da partilha de saberes e da valorização do trabalho invisibilizado, como o cuidado e a maternidade. Tais elementos evidenciam a presença concreta de perspectivas como a economia feminista, a economia circular e a economia solidária, ainda que essas nem sempre sejam nomeadas diretamente pelas participantes.

Contudo, também foram identificadas contradições importantes. O discurso do empreendedorismo, amplamente difundido nas políticas públicas recentes, muitas vezes é incorporado pelas integrantes do coletivo como uma estratégia de empoderamento individual. Isso revela a complexidade de atuar em um contexto onde as soluções coletivas convivem, e por vezes colidem, com a lógica da responsabilização individual e da informalidade como solução precária para a exclusão estrutural.

A formalização do Varal das Mina como associação sem fins lucrativos representa um marco relevante nesse percurso. Ela amplia a capacidade de articulação institucional do grupo e fortalece seu reconhecimento público, sem perder de vista os valores que sempre nortearam sua trajetória: o protagonismo

feminino, a autonomia, a coletividade e a reinvenção de práticas econômicas mais justas e afetivas.

Embora esta pesquisa se restrinja a uma experiência localizada na cidade de Ponta Grossa, os aprendizados que ela oferece extrapolam seu território. As reflexões aqui sistematizadas dialogam com um conjunto mais amplo de debates sobre o trabalho feminino, as economias populares e os modos alternativos de produção e consumo no Brasil. Além disso, apontam para a importância de se pensar políticas públicas voltadas à valorização e ao fortalecimento dessas práticas.

Como perspectiva futura, espera-se que este estudo possa contribuir para o reconhecimento das economias alternativas como caminhos possíveis para a transformação social, em especial quando protagonizadas por mulheres. E que sirva também como estímulo à escuta atenta e respeitosa das experiências que nascem nos territórios periféricos, nos quintais, nas praças e nos varais.

Para encerrar, deixa-se aqui uma citação que representa o espírito que atravessa esta pesquisa: a construção cotidiana de uma economia orientada pela solidariedade, pela coletividade e pelo protagonismo feminino:

“As mulheres criam, com o que têm e com quem têm, formas de organização que reinventam o trabalho e dão outro sentido à economia.” — Hirata

Que essas formas continuem florescendo em varais, encontros, abraços e feiras que sustentam muito mais do que o consumo: sustentam vidas.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, L. C. Uberização: a era do trabalhador *just-in-time*?. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 98, p. 111-126, jan-abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.008>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018. Disponível em: <https://nestpoa.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/09/ra-ps.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA. **Estatuto Social da Associação Varal das Mina**. Ponta Grossa, 20 de maio de 2024.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARRASCO, C. *La Economía Del Cuidado: Planteamiento Actual Y Desafíos Pendientes*. **Revista de Economía Crítica**, Barcelona, nº 11, p. 205-225. 2011. Disponível em: <https://revistaeconomiacritica.org/index.php/rec/article/view/498/479>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- CORAGGIO, J. L. Economia do trabalho. In: CATTANI, A. D. *et al.* **Dicionário Internacional da Outra Economia**. São Paulo: Editora Almedina, 2009. Disponível em: <https://financassolidarias.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/09/dicionario-internacional-da-outra-economia1.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- CORAGGIO, J. L. **Economía urbana: la perspectiva popular**. 2ª ed. Quito: Ediciones Abya-Yala, 1998. Disponível em: https://digitalrepository.unm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1155&context=abya_yala. Acesso em: 23 jul. 2025.
- CORAGGIO, J. L. Una perspectiva alternativa para la economía social: de la economía popular a la economía del trabajo. In: CORAGGIO, J. L. (Org.). **La economía social desde la periferia: contribuciones latinoamericanas**. 1ª ed. Buenos Aires: Editora Altamira, 2007. p. 165-194. Disponível em: https://www.ungs.edu.ar/wp-content/uploads/pdfs_ediciones/La_Econom%C3%ADa_Social_desde_la_periferia-completo.pdf. Acesso em: 23 jul. 2025.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 24 jul. 2025.
- DAGNINO, E. Construção democrática, neoliberalismo e participação: os dilemas da confluência perversa. **Revista Política & Sociedade**, v.3, n. 5, p. 139-144, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1983>. Acesso em: 24 jul. 2025.

DAGNINO, R. **Tecnologia Social**: ferramenta para construir outra sociedade. 2ª ed. Campinas: Komedi, 2010. Disponível em: https://cdt.unb.br/images/CEDES/2010_FERRAMENTA_TEC_SOCIAL_LIVRO.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

DECCA, E. **O nascimento das fábricas**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

DINIZ, S. Economia popular e economia social solidária: do precário ao plural. In: XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ENANPUR, 2017, São Paulo. **Anais XVII ENANPUR**, 2017. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/download/2151/2130>. Acesso em: 23 jul. 2025.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019. Disponível em: https://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/Opontozerodarevolucao_WE_B.pdf. Acesso em: 23 jul. 2025.

GAIGER, L. I. Sentido do trabalho e democracia na economia solidária. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, n. 11, jul./dez. 2004a.

GAIGER, L. I. **Sentidos do trabalho associado: Cooperativas e organização alternativa do trabalho**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004b.

GAIGER, L. I. **Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004c.

GOHN, M. G. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2025.

HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 41ª ed. São Paulo: Cortez, 2014. Disponível em: https://api.metabooks.com/api/v1/asset/mmo/file/97be1236c17241e8b7fd2c02297c65a9?access_token=b44a17d6-3135-458b-b486-f2fbb39c12c5. Acesso em: 23 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua**, 2023. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=pnad+2023>. Acesso em: 10 jul. 2025.

LAVILLE, J. L. A economia solidária: um movimento internacional. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, p. 7-47, 2009a. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/381>. Acesso em: 23 jul. 2025.

LAVILLE, J. L. Economia solidária, a perspectiva europeia. **Revista Sociedade e Estado**, v. 24, n. 2, p. 265-288, 2009b. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44622>. Acesso em: 23 jul. 2025.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉNDEZ, M. J. **Economía feminista**: aportes para un debate sobre lo económico desde una perspectiva de género. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2005.

MIES, M. **Patriarcado e acumulação em escala mundial: mulheres na divisão internacional do trabalho**. 1ª ed. São Paulo: Editora Timo, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/376477777_Patriarcado_Acumulacao_em_Escala_Mundial_de_Maria_Mies_-_Apresentacao_a_traducao_Brasileira. Acesso em: 23 jul. 2025.

MURRAY, A.; SKENE, K.; HAYNES, K. *The Circular Economy: An Interdisciplinary Exploration of the Concept and Application in a Global Context*. **Journal of Business Ethics**, v. 140, n. 3, p. 369–380, 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10551-015-2693-2>. Acesso em: 23 jul. 2025.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 10 mai. 2024.

OROZCO, A. P. **Subversión feminista de la economía**: Aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida. 4ª ed. Madrid: Traficantes de Sueños, 2019. Disponível em: https://traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Subversi%C3%B3n%20feminista%20de%20la%20econom%C3%ADa_Traficantes%20de%20Sue%C3%B1os.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

PRADO, G. F. S.; DIAS, S. R. C. S. Economia circular e desenvolvimento sustentável: uma revisão crítica da literatura. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 55, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made>. Acesso em: 10 mai. 2025.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002.

SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000200003>. Acesso em: 10 mai. 2025.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 24 jul. 2025

SILVA, J. S. Informalidade e precariedade do trabalho feminino no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 1, p. 39-57, 2016.

SILVA, M. E.; PONTES, R. O.; MUSETTI, M. A. Economia circular no Brasil: avanços e desafios. **Revista Ciência & Trópico**, v. 45, n. 2, p. 41-62, 2021.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Introducao-economia-solidaria-WEB-1.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2025.

SORJ, B. **Gênero, trabalho e cidadania**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000.

Stahel, W. R. **The Performance Economy**. 2 ed. US: Palgrave Macmillan, 2010. Disponível em: https://www.globe-eu.org/wp-content/uploads/THE_PERFORMANCE_ECONOMY1.pdf. Acesso em: 23 jul. 2025.

VARAL DAS MINA. **Post do instagram do Varal das Mina**. Ponta Grossa, 28 de fev. 2024. Instagram: @varaldasmina. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C34_RZsuXsH/?igsh=MXhrYWE0MjVuZ2s1bQ==. Acesso em: 13 ago. 2025.

VARAL DAS MINA. **Post do instagram do Varal das Mina**. Ponta Grossa, 24 de nov. 2021. Instagram: @varaldasmina. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CWp54K4r3Ln/?igsh+MTjpZWtta29pcjc4aA>. Acesso em: 13 ago. 2025.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Ed. de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Editora Schwarcz/Companhia das Letras, 2007.

**APÊNDICE A - RESPOSTAS DAS PARTICIPANTES DO VARAL DAS MINA ÀS
PERGUNTAS ABERTAS DO QUESTIONÁRIO**

O que te motivou a participar do Varal das Mina?

34 respostas

<i>possibilidade de aumento da renda</i>
<i>A vontade surgiu durante a pandemia, quando ficamos mais em casa e os brechós online estavam em alta, pensei que seria uma boa ideia tirar alguns desapegos para vender na Internet e fazer uma renda extra, então conheci o Varal da Ge pelo Instagram e vi que ela participava do varal, então conversei com ela para me informar como funcionava e mandei meu nome para inscrição, e quando abriu novas vagas comecei a participar, primeiro levando meus desapegos e depois comecei a garimpar para sempre trazer novidades para os clientes, então minha motivação foi fazer uma renda extra e principalmente fazer com que roupas boas voltassem a circular nos guarda roupas de novas pessoas.</i>
<i>Sempre amei brechó, e quando criamos o nosso queria fazer algo diferente, quando descobri o varal me inscrevi.</i>
<i>A mostrar meus produtos a mais pessoas</i>
<i>Complementação de renda</i>
<i>Gosto por brecho</i>
<i>Flexibilidade de horário, retorno para Ponta Grossa.</i>
<i>Aposentei e virei artesã e queria contato com pessoas e vender meus produtos</i>
<i>Minha nora já participava desde do começo aí comecei com ela e amei agora não saio mais as meninas são muito unidas umas ajudam a outra somos família eu amo participar</i>
<i>Reutilizar as roupas e participar do coletivo</i>
<i>Vender e lucrar, uma fonte de renda</i>
<i>O conceito do movimento da sustentabilidade, da moda e pelos meus interesses pessoais e também para ter uma renda a mais</i>

<i>Aumento na renda pois trabalho apenas com brechó e costura</i>
<i>A ter uma renda , a ter um local para fazer novas amizades e aprender reutilizar o que poderia ir pro lixo.</i>
<i>A coletividade, o apoio das demais</i>
<i>O estímulo em fazer parte de um grupo que alinha-se com meus princípios de sustentabilidade e reaproveitamento de itens, além de oportunizar o empreendimento, a convivência em grupo, o compartilhamento de ideias para fins de crescimento pessoal e profissional</i>
<i>Maior divulgação pro meu trabalho online na cidade. E conhecer outras pessoas e outros brechós.</i>
<i>Expor meus trabalhos artesanais e poder ganhar visibilidade, além de gostar muito da proposta do coletivo de mulheres</i>
<i>A oportunidade de desapegar do que não uso mais e promover a moda sustentável</i>
<i>Sustentabilidade, valor e empoderamento feminino e principal</i>
<i>O amor por brechó e a necessidade de uma renda extra</i>
<i>Renda extra</i>
<i>Visibilidade e união de menina</i>
<i>Porque já participei de outros coletivos e gosto muito</i>
<i>Oportunidades de networking e vendas</i>
<i>A coletividade.</i>
<i>Alimentar minha Renda</i>
<i>A necessidade de ter uma renda</i>
<i>Desapego</i>

<i>A união do cole</i>
<i>Pode trabalhar,e ter meu próprio dinheiro,ajudar na renda familiar e também pode fazer algo que eu gosto e sinto prazer em fazer</i>
<i>Possibilidade de vender artesanato e brechó</i>
<i>Mais uma oportunidade de empreender</i>
<i>Pela harmonia, colaboração, amizade, cooperação e respeito entre as participantes, além de ser um evento lindo, organizado e lucrativo.'</i>

Como você descreve as formas de economia que selecionou na questão anterior?

34 respostas

<i>Valor das roupas e a qualidade,facilidade para comprar. sustentável pois incentiva a compra de peças que já existem, podendo impactar de alguma forma na menor produção de roupas, principalmente fast shop</i>
<i>feminista pois o varal é feito de mulheres e para mulheres, incentivando a independência delas</i>
<i>circular pois colocamos em circulação peças que estavam paradas em uso novamente</i>
<i>Não consigo descrever, uma forma de conseguir dinheiro ajudando o meio ambiente com a moda circular talvez.</i>
<i>Incentivar outras pessoas a uso de roupa "sustentável". Fazer com que vejam que uma roupa que já foi usada tem sim seu valor</i>
<i>Acredito que economia sustentável e circular sejam feitas a partir de comercialização de produtos reaproveitados e reciclados (como as roupas) dando novas características para objetos e bens que seriam descartados. A economia feminista como uma economia de produtos pra mulheres, feitos por mulheres e comprado com elas, estabelecidos a partir da ótica da sororidade feminina.</i>

<i>Fazer uma peça de roupa ter valor em outras mãos</i>
<i>Modelo econômico atual de grande importância para a sustentabilidade, a moda circular é uma grande tendência e alto impacto</i>
<i>Economia circular tem como objetivo reduzir desperdício e dar novas formas de uso ou reutilização contribuindo com o planeta através do uso consciente e gasto consciente</i>
<i>Nossa peças circulam mais e é mais barato e de Boa qualidade</i>
<i>Sendo um projeto que visa o cuidar do Planeta e a força feminina em que várias mulheres buscam uma renda.</i>
<i>Todas capazes e maravilhosamente incríveis</i>
<i>Como formas boas para quem quiser uma autonomia alternativa, economias que não dependem de terceiros para se concretizarem e que são boas e conscientes para o mundo.</i>
<i>Pois tem circulação de roupas e dinheiro</i>
<i>Que tudo que não serve para uma pessoa pode ser reutilizado por outra desde que aja todo um processo de curadoria assim volta a ser útil novamente.</i>
<i>Eu descrevo como consciente, além de ajudar o meio ambiente, e pagar um preço justo e acessível.</i>
<i>Solidária por que oportuniza que pessoas de baixa renda possam ter acesso a peças /acessórios de qualidade a baixo custo; sustentável por que a demanda se auto produz e circular devido ao fluxo por maior tempo de uso do itens, aumentando a vida útil e diminuindo assim o consumismo.</i>
<i>Mudar a forma como as pessoas pensam e que elas entendam o valor das roupas. Com cuidado e dedicação curamos peças que ninguém mais quer, dando novo destino a elas.</i>

<i>Sustentável: gerar menos lixo, contribuindo com o meio ambiente. Feminista: gerar oportunidades para mulheres terem uma renda extra ou até mesmo a fonte de renda principal. -Circular: reutilizar itens que provavelmente seriam descartados, prejudicando o meio ambiente.</i>
<i>Acho que é um coletivo de mulheres fortes, independentes e guerreiras que descobriram na moda circular seu sustento. E a moda circular por conta do trabalho de garimpar peças, higienizar, cuidar, restaurar e vender pra alguém que usará aquela peça que estava esquecida</i>
<i>Tudo aquilo que não serve para um serve para outro, e assim as pessoas consomem menos e aproveitam mais. E claro, a natureza agradece!!</i>
<i>Brechó em si é uma economia circular.</i>
<i>Solidariedade, trabalho coletivo, entre outros.</i>
<i>Os itens comercializados são colocados novamente no circuito econômico contribuindo para a sustentabilidade do planeta.</i>
<i>Destinada a pequenos comércios, contribuindo com o meio ambiente, pequenos comércios.</i>
<i>Por se tratar de roupas usadas, desse modo é possível que a roupa seja vendida e usada novamente por outra pessoa, gerando assim o sustento de quem está indo expor</i>
<i>A comercialização de roupas e sapatos de segunda mão é muito comum na Europa e nos Estados Unidos e representa uma excelente forma de reaproveitamento de peças em boas condições, diminuindo o descarte de resíduos e a necessidade de matérias primas para a produção de novos manufaturados.</i>
<i>Sustentabilidade por ser moda circular de bazar.</i>

<i>A economia solidária é uma alternativa inovadora na geração de trabalho e na inclusão social, na forma de uma corrente do bem que integra quem produz, quem vende, quem troca e quem compra.</i>
<i>Economia total</i>
<i>Descrevo como verdade</i>
<i>Contribuir com o meio ambiente,fazer a moda girar</i>
<i>Uma nova vertente da economia</i>
<i>Responsabilidade com meio ambiente através do reaproveitamento dos produtos</i>
<i>Ao adquirir uma peça de modo circular e sustentável estamos cooperando com menor emissão de carbono e consumo de energia para a produção de peças de vestuário novos.</i>

**APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM AS
ORGANIZADORAS DO COLETIVO**

Pesquisadora: Há quanto tempo está no coletivo?

Organizadora 1: 2 anos e um mês.

Pesquisadora: Há quanto tempo está na organização do coletivo?

Organizadora 1: 4 meses.

Pesquisadora: Segundo a sua percepção, o que motivou a criação do varal das mina e o que mantém a existência do coletivo?

Organizadora 1: A necessidade de espaço pra giro da moda circular, e o que mantém o coletivo é a necessidade financeira e o empenho das poucas dispostas a estar à frente da organização.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões políticas?

Organizadora 1: Até o atual momento o Coletivo não tem nenhuma relação com as questões políticas.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões culturais?

Organizadora 1: Nem sempre, nem tanto qto gostaríamos, faltam parcerias e apoio, mas vez ou outra sim, estamos envolvidas nas questões culturais.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões sociais?

Organizadora 1: sim, diretamente, desde o início do coletivo, já que toda verba arrecadada é revertida em doações a varias instituições da cidade e região.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões econômicas?

Organizadora 1: sim, o coletivo é a única fonte de renda pra muitas participantes. E um complemento para muitas outras.

Pesquisadora: Você conhece o conceito de economias alternativas? considera que o varal das mina se encaixaria como uma economia alternativa?

Organizadora 1: sim, tudo que gera renda de uma forma não convencional, digamos. Não sei se o Varal já não está numa fase de transição de economia, já que Brechós é o trabalho com roupas de segunda mão está em ascensão

Entrevista Organizadora 2

Pesquisadora: Há quanto tempo está no coletivo:

Organizadora 2: Há cinco anos.

Pesquisadora: Há quanto tempo está na organização do coletivo:

Organizadora 2: Há dois anos.

Pesquisadora: Segundo a sua percepção, o que motivou a criação do varal das mina e o que mantém a existência do coletivo?

Organizadora 2: Um coletivo de mulheres que empreendem artesanato, brechó, plantas, etc. Uma oportunidade de trabalho. O que nos mantém é união, juntas somos fortes e nos fortalecemos umas às outras.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões políticas?

Organizadora 2: A política está em todas as relações, mas não fazemos parte de partido político. Somos independentes.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões culturais?

Organizadora 2: Sim, a cultura muita vezes está presente no artesanato em nossas conversas. No passado era mais visível, hoje com a moda sustentável ficamos um pouco mais comercial do que cultural

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões sociais?

Organizadora 2: Sempre fizemos coleta de doações, que se destinam a várias organizações. Entre as participantes já tivemos algumas ações.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões econômicas?

Organizadora 2: Sempre falei que nossa economia é circular, e motivamos o consumo consciente.

Pesquisadora: Você conhece o conceito de economias alternativas? considera que o varal das mina se encaixaria como uma economia alternativa?

Organizadora 2: Sim, considero como alternativa circular e criativa.

Entrevista Organizadora 3

Pesquisadora: Há quanto tempo está no coletivo:

Organizadora 3: Desde 2018, na primeira edição em março de 2018

Pesquisadora: Há quanto tempo está na organização do coletivo:

Organizadora 3: Fiz parte em 2018, saí por um período e voltei para a organização há 2 anos.

Pesquisadora: Segundo a sua percepção, o que motivou a criação do varal das mina e o que mantém a existência do coletivo?

Organizadora 3: O que motivou a criação do Varal das Mina, eu acredito que foi essa troca mesmo, a união entre as meninas. Fazer um dia para comemorar o Dia das Mulheres, juntas, para mostrar a força e mostrar a união das meninas. Já faz seis anos do coletivo e o que manteve foi isso, a união mesmo, porque na hora que uma desanima, a outra segura o tranco. A hora que uma está de novo desanimada, a outra vai lá e mostra que a gente tem potencial, que tem força, que a união, que a troca, que faz o coletivo acontecer. Que não é fácil manter, mas com a união, com a troca das meninas, no final vale a pena.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões políticas?

Organizadora 3: Eu acho que sim, porque ali envolve muita coisa, né? Envolve desde a educação ambiental, desde... até dinheiro, né? Setor econômico, tudo. Então isso envolve sim a política, porque às vezes até a questão de saúde envolve também. Algumas ali já contaram que, ah, eu estava em depressão com o varal, eu consegui sair, conseguiu me ajudar. Ah, eu estou com um problema financeiro em casa, o varal me ajudou. Então eu acho que questão política, questão de saúde, questão... Várias questões, o varal, ele se encaixa assim.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões culturais?

Organizadora 3: Questão cultural também, porque desde as peças vintage, que já tem uma história, já carrega uma história, tem o artesanato, tem outras coisas também que estão no meio cultural, que fazem parte do meio cultural. Hoje a gente não tá tendo muita música, muito teatro, mas também a gente tinha muito teatro, música, tinha muita coisa também.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões sociais?

Organizadora 3: Novamente aqui, né, questões sociais. Acho que entra o que eu estava falando. Algumas mulheres ali, elas são a única renda dentro de casa. Então, sim, envolve questão social, questão de saúde, questão, até o empoderamento delas mesmo, né? Que elas se sentem úteis, elas se sentem ali na ativa, elas se sentem bem estando ali e mostrando o trabalho delas, né?

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões econômicas?

Organizadora 3: Economia criativa, economia circular, eu acho que sim, porque ali a gente tem essa vida útil das roupas, então tem sim a economia circular junto com a moda sustentável, questão econômica também das meninas, quem faz o artesanato ali. Muitas delas não conseguem ter um ponto físico, mas ali no varal tem um local para expor o trabalho dela, colocar o trabalho delas à venda, sem muitos gastos, sem muitas coisas, porque a gente não cobra um valor alto para elas estarem ali, além da doação e da taxa do coletivo.

Pesquisadora: Você conhece o conceito de economias alternativas? considera que o varal das mina se encaixaria como uma economia alternativa?

Organizadora 3: Acho que na parte alternativa seria isso, na economia circular.

Entrevista Organizadora 4

Pesquisadora: Há quanto tempo está no coletivo:

Organizadora 4: Estou desde a primeira edição, em 2018.

Pesquisadora: Há quanto tempo está na organização do coletivo:

Organizadora 4: Fiz parte da organização de 2018 até 2020, então por conta da pandemia acabamos todas dando um tempo, e mesmo quando o Varal retornou às atividades, demorei um pouco para voltar pra organização, voltei agora em 2024.

Pesquisadora: Segundo a sua percepção, o que motivou a criação do varal das mina e o que mantém a existência do coletivo?

Organizadora 4: Com certeza o que motivou foi várias mulheres do grupo bazar das mina no facebook, percebendo que o que não usavam mais em casa, poderia ser do interesse de alguém, assim como as peças de outras, podia lhe interessar. O que mantém o coletivo com certeza é a força dessas mulheres em fazer dar certo, porque fácil não foi.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões políticas?

Organizadora 4: Apesar de com certeza a maioria das mulheres envolvidas se encaixem na posição da esquerda na política, o varal mesmo em si tenta sempre ser neutro nessa questão, afinal, a ideia é abranger mulheres, independente de qualquer ideal, religião, lado político, etc.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões culturais?

Organizadora 4: Com certeza! Creio que a moda circular é muito ligada a cultura, não só pela montagem dos looks com as peças, fazendo isso ser algo muito importante na moda, mas também por conta das meninas que estão lá expondo seus artesanatos.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões sociais?

Organizadora 4: 100%! Principalmente pelas doações que são exigidas das participantes todos os meses e entregues em diversas instituições que necessitam.

Pesquisadora: Você observa alguma relação do coletivo com as questões econômicas?

Organizadora 4: Comprar de brechó é a melhor forma de comprar coisas boas, gastando menos e com certeza isso reflete na vida de quem o faz, pois as lojas estão cada dia mais caras, parcelando com juros cada vez mais absurdos.

Pesquisadora: Você conhece o conceito de economias alternativas? considera que o varal das mina se encaixaria como uma economia alternativa?

Organizadora 4: Com certeza, por conta da sustentabilidade e empoderamento econômico das mulheres, já que é um lugar onde geram renda.

ANEXO A - PARECER DE APROVAÇÃO CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O COLETIVO FEMININO VARAL DAS MINA E ECONOMIAS ALTERNATIVAS

Pesquisador: BIANCA RODRIGUES COSTA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 79364824.8.0000.0105

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Ponta Grossa

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.792.207

Apresentação do Projeto:

Projeto de Pesquisa:

O COLETIVO FEMININO VARAL DAS MINA E ECONOMIAS ALTERNATIVAS. A pesquisa em questão tem como objetivo analisar o coletivo Varal das mina no contexto das economias alternativas, realizando uma pesquisa

bibliográfica e documental acerca do que são economias alternativas, além de entrevista com atores principais do coletivo em questão (6 pessoas) e

questionário para o levantamento de dados sociais, econômicos e culturais das participantes do coletivo, pretende-se concluir a pesquisa com uma

análise fundamentada desses dados e qual a relação do coletivo com as economias alternativas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar o coletivo Varal das mina no contexto das economias alternativas

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Não há riscos, porém deve ser considerado que a aplicação da metodologia irá ocorrer de forma ética, assim como a análise dos dados será

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvararanas, Bloco da Reitoria, sala 22

Bairro: Uvaranas

CEP: 84.030-900

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3282

E-mail: propespsecretaria@uepg.br

Continuação do Parecer: 6.792.207

realizada de forma a não expor a identidade dos participantes.

Benefícios:

Sistematização dos dados do coletivo feminino "Varal das mina"
contribuição para o debate acerca das economias alternativas

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa em questão se refere ao coletivo feminino Varal das Mina, que se trata de grupo de mulheres empreendedoras de Ponta

Grossa/PR que trabalham com brechós, na perspectiva da moda consciente e sustentável. O principal objetivo é debater o coletivo em questão

como uma forma de economia alternativa na cidade de Ponta Grossa. Utilizando-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental, além

de entrevista, questionário e observação participante. Ao fim da pesquisa é esperado que haja uma sistematização do perfil socioeconômico das

participantes do coletivo, da trajetória histórica de formação do mesmo, e analisar o impacto social, cultural e econômico do coletivo na vida das

participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos pertinentes foram apresentados em anexo e de acordo com as normas 466/2012 e 510/2016

Recomendações:

Enviar o relatório final ao término do projeto por Notificação via Plataforma Brasil para evitar pendências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise documental considera-se aprovado este projeto e devidamente autorizado para seu início conforme cronograma apresentado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22

Bairro: Uvaranas

CEP: 84.030-900

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3282

E-mail: propespsecretaria@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 6.792.207

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO 2280273.pdf	22/02/2024 12:36:52		Aceito
Outros	roteirosdeentrevista.pdf	22/02/2024 12:35:56	BIANCA RODRIGUES COSTA	Aceito
Outros	QUESTIONARIO.pdf	22/02/2024 12:32:23	BIANCA RODRIGUES COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISA.pdf	22/02/2024 12:30:56	BIANCA RODRIGUES COSTA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	22/02/2024 12:27:35	BIANCA RODRIGUES COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termodeconsentimentolivreeesclarecido .pdf	22/02/2024 12:26:24	BIANCA RODRIGUES COSTA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoBianca.pdf	22/02/2024 12:22:50	BIANCA RODRIGUES COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PONTA GROSSA, 28 de Abril de 2024

Assinado por:
ULISSES COELHO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22

Bairro: Uvaranas

CEP: 84.030-900

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3282

E-mail: propespsecretaria@uepg.br

ANEXO B - ESTATUTO DO COLETIVO VARAL DAS MINA

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DE FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA, REALIZADA EM 20 DE MAIO DE 2024.

Aos vinte dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, às dezenove horas, foi realizada, na Rua Marques do Paraná, n. 613, Ponta Grossa, PR, a Assembleia Geral Ordinária de Fundação da ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA, que contou com a presença de Rafaela Andrejezieski, Andreia dos Santos Alves, Josiane Beleski, Jaqueline Miranda Lemes, Cleide Marli de Almeida e Thais Helene Martins Sinqueira. Inicialmente, por consenso entre os presentes foi eleita Rafaela Andrejezieski para coordenar os trabalhos da Assembleia Geral, que procedeu a leitura do edital de convocação divulgado através de correspondência eletrônica enviada para todos os interessados, cujo teor é o seguinte: *"Edital de Convocação de Assembleia Geral de Fundação da ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA. A comissão para constituição e fundação da Assembleia Geral Ordinária de Fundação da ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA, convoca, todas as pessoas interessadas, para a realização da Assembleia Geral de Fundação da Assembleia Geral Ordinária de Fundação da ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA, a ser realizada no dia 20 de maio de 2024, às 19:00hs, que irá ocorrer na Rua Marques do Paraná, n. 613, Ponta Grossa, PR, a fim de serem deliberados e discutidos a seguinte ordem do dia: a) deliberação sobre a fundação da Associação; b) aprovação do estatuto social da entidade; c) eleição e posse da Diretoria e Conselho Fiscal da entidade; d) autorização para a Diretoria eleita proceder o registro da entidade junto aos órgãos competentes. Ponta Grossa, 15 de maio de 2024. Rafaela Andrejezieski."* Em seguida, a coordenadora dos trabalhos colocou em discussão o primeiro item da ordem do dia: a) deliberação sobre a fundação da Associação. Todos os presentes fizeram uso da palavra para ressaltar a importância de constituir a associação em Ponta Grossa e região, que foi aprovada pela unanimidade dos presentes. Em seguida, o coordenador dos trabalhos colocou em discussão o segundo item da ordem do dia: b) aprovação do estatuto social da entidade. Foi procedida a leitura da proposta de estatuto social apresentada e em seguida foram debatidos todos os aspectos relevantes apontados pelos presentes. Feito isto foi colocado em votação e aprovado pela unanimidade dos presentes o estatuto social da associação. Em seguida, o coordenador dos trabalhos colocou em discussão o item seguinte da ordem do dia: c) eleição e posse da Diretoria e Conselho Fiscal da entidade. Foi apresentada chapa completa para compor a primeira diretoria e conselho fiscal, que foi aclamada por todos os presentes e em seguida empossada, assim composta: PRESIDENTE: RAFAELA ANDREJEZIESKI, [REDACTED]

[REDACTED]
PR; SECRETÁRIA: JOSIANE BELESKI, [REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]

TESOUREIRA: CLEIDE MARLI DE ALMEIDA, [REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]

Rafaela
Andrejezieski

CONSELHO FISCAL: JAQUELINE MIRANDA LEMES, [REDACTED]

[REDACTED] ANDREA
DOS SANTOS ALVES, [REDACTED]

[REDACTED] e THAIS HELENE MARTINS SIQUEIRA,
[REDACTED]

[REDACTED] Em seguida, a presidente da Associação, já devidamente empossada, colocou em discussão o seguinte item da ordem do dia: d) autorização para a Diretoria eleita proceder o registro da entidade junto aos órgãos competentes. Por unanimidade dos presentes, foi delegado à presidente os poderes para proceder ao registro da entidade junto aos órgãos competentes, visando sua formalização jurídica, contábil e fiscal. Sem mais nada a discutir e deliberar, deu-se por encerrada a presente assembleia geral de fundação, sendo que lavrei a presente ata, que segue assinada por mim, Rafaela Andrejezieski e pelo secretário "ad oc" João Luiz Stefaniak.

Rafaela Andrejezieski
Rafaela Andrejezieski
Presidente

João Luiz Stefaniak
João Luiz Stefaniak
OAB/PR 16.362

SERVIÇO DE REGISTRO CIVIL DE PESSOA JURÍDICA
PONTA GROSSA - ESTADO DO PARANÁ



Protocolo nº 273803
Registro nº 3643 - LIVRO 4
Emol.: R\$ 83,10, Funr.: R\$ 11,07, ISS: R\$ 1,98, Fund.: R\$ 4,94, Funa.: R\$ 8,75, Dist.: R\$ 0,00, Migr./Digi.: R\$ 15,77, Total: R\$ 125,61
Ponta Grossa, 13 de Junho de 2024

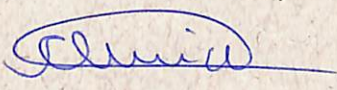
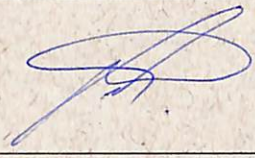
RECEBUE
-ISCALIZAÇÃO

Patrum
FERNANDA DA LUZ PATRINI - ESCRIVENTE

SFTD4.jvR54.Caz20-FLbao.1540q

**RELAÇÃO DE PRESENTES NA ASSEMBLÉIA GERAL DE
FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA**

REALIZADA EM 13 DE MARÇO DE 2024

RAFAELA ANDREJEZIESKI	Rafaela Andrejezeski
JOSIANE BELESKI	Josiane Beléski
CLEIDE MARLI DE ALMEIDA	
JAQUELINE MIRANDA LEMES	
ANDREA SANTOS ALVES	Andrea dos S. Alves
THAIS HELENE MARTINS SIQUEIRA	Thais H. M. Siqueira

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL DE FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA.

A comissão para constituição e fundação da Assembleia Geral Ordinária de Fundação da ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA, convoca, todas as pessoas interessadas, para a realização da Assembleia Geral de Fundação da Assembleia Geral Ordinária de Fundação da ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA, a ser realizada no dia 20 de maio de 2024, às 19:00hs, que irá ocorrer na Rua Marques do Paraná, n. 613, Ponta Grossa, PR, a fim de serem deliberados e discutidos a seguinte ordem do dia: a) deliberação sobre a fundação da Associação; b) aprovação do estatuto social da entidade; c) eleição e posse da Diretoria e Conselho Fiscal da entidade; d) autorização para a Diretoria eleita proceder o registro da entidade junto aos órgãos competentes.

Ponta Grossa, 15 de maio de 2024.

Rafaela Andrejezieski
Rafaela Andrejezieski
Pela Comissão

RELAÇÃO DOS MEMBROS DA DIRETORIA E CONSELHO FISCAL

MANDATO 2024/2028DIRETORIA:PRESIDENTE: RAFAELA ANDREJEZIESKI, [REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]SECRETÁRIA: JOSIANE BELESKI, [REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]TESOUREIRA: CLEIDE MARLI DE ALMEIDA, [REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]CONSELHO FISCAL:JAQUELINE MIRANDA LEMES, [REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]ANDREA SANTOS ALVES, [REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]THAIS HELENE MARTINS SIQUEIRA, [REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]

Rafaela Andrejezieski
Rafaela Andrejezieski
Presidente

ILMO SR. OFICIAL DO __ REGISTRO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS DA
COMARCA DE PONTA GROSSA/PR.

RAFAELA ANDREJEZIESKI, _____

_____ presidente

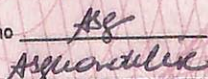
da ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA, com sede e foro no Município de Ponta Grossa, PR, sito à Rua Augusto Ferreira, n. 443, CEP 84.010-520, Ponta Grossa, PR, vem requerer a Vossa Senhoria a INSCRIÇÃO da referida Associação, conforme o Art. 121 da Lei dos Registros Públicos.

Termos em que pede deferimento.

Ponta Grossa, 27 de maio 2024.

Reconhecida
1º Tabelionato

Rafaela Andrejezieski
Rafaela Andrejezieski
Presidente

	1º TABELIONATO DE NOTAS PONTA GROSSA - PR TABELÃO MARCONE ALVES MIRANDA	RUA QUINZE DE NOVEMBRO, 277 CENTRO PONTA GROSSA - PR CEP: 84010-020 Telefone: (42) 3224-2089 E-mail: contato@1notaspontagrossa.com.br
Reconheço por VERDADEIRO a(s) firma(s) de: [0181049] - RAFAELA ANDREJEZIESKI		
Do que dou fé. Ponta Grossa, 10 de Junho de 2024.		
Em testemunho _____ da verdade 		
ANDREA DOS SANTOS GUANDELIN - ESC. SUBSTITUTA SELO: SFTN1.LGAb.sNrWn-QCMOj.F979q Valide em http://funarpen.com.br		
ANDREA DOS SANTOS GUANDELIN ESCREVENTE SUBSTITUTA		

ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA

ESTATUTO SOCIAL

CAPÍTULO I Da Constituição e Foro

Art. 1º. A ASSOCIAÇÃO VARAL DAS MINA, fundada em 20 de maio de 2024, aqui denominada pela sigla ASSOCIAÇÃO, está estabelecida no Município de Ponta Grossa, Estado do Paraná, como pessoa jurídica de direito privado, constitui-se numa associação de pessoas físicas, sem fins econômicos, e com duração indeterminada.

Art. 2º. A ASSOCIAÇÃO será regida por seu Estatuto e pela Legislação aplicável à espécie:

- a) Nenhum cargo será remunerado de qualquer forma;
- b) Não distribui dividendos sob qualquer forma ou pretexto;
- c) Toda a receita da ASSOCIAÇÃO será empregada exclusivamente em benefício do seu desenvolvimento.

Art. 3º. A ASSOCIAÇÃO tem seu foro na cidade de Ponta Grossa, na Rua Visconde de Nácar, n. 327, Aptº 2, CEP 84.010-620.

CAPÍTULO II Das Finalidades, Atividades e Área de Atuação

Art. 4º. São finalidades a promoção:

- I. da assistência social;
- II. da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico;
- III. gratuita da educação, observando-se a forma complementar de participação das organizações de que trata esta Lei;
- IV. da segurança alimentar e nutricional;
- V. da defesa, preservação e conservação do meio ambiente e promoção do desenvolvimento sustentável;
- VI. do voluntariado;
- VII. do desenvolvimento econômico e social e combate à pobreza;
- VIII. da experimentação, não lucrativa, de novos modelos sócio-produtivos e de sistemas alternativos de produção, comércio, emprego e crédito;
- IX. da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais.

CAPÍTULO III Dos Associados

Art. 5º. A ASSOCIAÇÃO é constituída por número ilimitado de associados que requeirama sua admissão por escrito dirigido a Diretoria, comprometendo-se a acatar as disposições deste Estatuto e as decisões das Assembleias Gerais e da Diretoria.

Parágrafo Único: O requerimento de novos associados será submetido a apreciação e deliberação da Diretoria.

Art. 6º. São direitos dos associados:

Rafaela
Andrezejewski

- a) Votar e ser votado para os cargos eletivos;
- b) Tomar parte nas Assembleias Gerais;
- c) Participar das atividades realizadas pela ASSOCIAÇÃO;
- d) Solicitar à Presidente a convocação extraordinária da Assembleia Geral em requerimento assinado por 1/4 (um quarto) dos associados, para tratar de assunto de importância para a ASSOCIAÇÃO.

Art. 7º. São deveres dos associados:

- a) Cumprir as disposições estatutárias e regimentais;
- b) Acatar as decisões da Assembleia Geral e da Diretoria;
- c) Cooperar com todas as atividades que visem o cumprimento dos objetivos aos qual o ASSOCIAÇÃO se propõe;
- d) Comparecer às reuniões da Assembleia Geral;
- e) Cooperar com recursos ou serviços para que o ASSOCIAÇÃO possa cumprir seus objetivos.

Art. 8º. Os associados que serão incluídos no quadro associativos pela deliberação da maioria da Diretoria, não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelos encargos da ASSOCIAÇÃO.

Art. 9º. Qualquer membro da ASSOCIAÇÃO poderá ser excluído de seus quadros, quando descumprir suas obrigações ou ante conduta incompatível com as finalidades da ASSOCIAÇÃO, através de deliberação da Diretoria na forma regimental, homologada pela Assembleia Geral.
Parágrafo único – Nos processo de exclusão de sócios será observado o princípio do contraditório, da presunção de inocência e da ampla defesa.

CAPÍTULO IV **Da Administração**

Art. 10. A ASSOCIAÇÃO será administrada pelos seguintes órgãos:

- a) Assembleia Geral;
- b) Diretoria;
- c) Conselho Fiscal.

Parágrafo Único: A ASSOCIAÇÃO não remunera, sob qualquer forma, os cargos de sua Diretoria e do Conselho Fiscal, bem como as atividades de seus associados, cujas atuações são inteiramente gratuitas.

Art. 11. A Assembleia Geral, órgão soberano da ASSOCIAÇÃO, se constituirá dos associados em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Art. 12. Compete à Assembleia Geral:

- a) Eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal;
- b) Decidir sobre alteração deste Estatuto;
- c) Decidir sobre a extinção da ASSOCIAÇÃO;
- d) Decidir sobre a conveniência de alienar, transigir, hipotecar ou permutar bens patrimoniais;
- e) Aprovar o Regimento Interno;

Art. 13. A Assembleia Geral se realizará, ordinariamente, uma vez por ano para:

- a) Aprovar a proposta de programação anual da ASSOCIAÇÃO, submetida pela Diretoria;
- b) Apreciar o relatório anual da Diretoria;
- c) Discutir e homologar as contas e o balanço aprovado pelo Conselho Fiscal.

Art. 14. A Assembleia Geral se realizará, extraordinariamente, quando convocada:

- a) Pela Diretoria Executiva;
- b) Pelo Conselho Fiscal;
- c) Por requerimento de 1/4 (um quarto) de associados quites com as obrigações sociais.

Rafaela
Andrezejewski

Art. 15. A convocação da Assembleia Geral será feita por meio de edital afixado na sede da ASSOCIAÇÃO ou por circulares ou outros meios convenientes, com antecedência mínima de três dias.

Parágrafo Único - Qualquer Assembleia se instalará em primeira convocação com a maioria dos associados e, em segunda convocação, com qualquer número de presentes.

Art. 16. A instituição adotará práticas de gestão administrativa, necessárias e suficientes, a coibir a obtenção, de forma individual ou coletiva, de benefícios e vantagens pessoais, em decorrência da participação nos processos decisórios.

Art. 17. A Diretoria será constituída por um Presidente, um Secretário, e um Tesoureiro, com mandato de quatro anos, sendo permitida mais de uma reeleição consecutiva.

Parágrafo Único – Não poderão ser eleitos para cargo de Presidente e Tesoureiro os associados que exerçam cargos, empregos ou funções públicas junto aos órgãos do Poder Público.

Art. 18. Compete à Diretoria:

- a) Elaborar e submeter à Assembleia Geral a proposta de programação anual da ASSOCIAÇÃO;
- b) Executar a programação anual de atividades da ASSOCIAÇÃO;
- c) Elaborar e apresentar à Assembleia Geral o relatório anual;
- d) Reunir-se com instituições públicas e privadas para mútua colaboração em atividades de interesse comum;
- e) Cumprir e fazer cumprir este Estatuto, bem como as deliberações das Assembleias Gerais;
- f) Criar Comissões Temáticas, permanentes ou provisórias, para o estudo ou desenvolvimento de projetos específicos, definindo as respectivas composições e competências.

Parágrafo Único. A Diretoria se reunirá no mínimo uma vez por mês.

Art. 19. Compete ao Presidente:

- a) Representar a ASSOCIAÇÃO judicial e extra-judicialmente;
- b) Cumprir e fazer cumprir este Estatuto e o Regimento Interno;
- c) Presidir a Assembleia Geral;
- d) Convocar e presidir as reuniões da Diretoria;
- e) Gerir os recursos do ASSOCIAÇÃO, no cumprimento dos seus objetivos;

Art. 20. Compete ao Secretário:

- a) Secretariar as reuniões da Diretoria e da Assembleia Geral e redigir as atas;
- b) Publicar todas as notícias das atividades da ASSOCIAÇÃO.
- c) Organizar os arquivos da ASSOCIAÇÃO.

Art. 21. Compete ao Tesoureiro:

- a) Arrecadar e contabilizar as contribuições dos associados, rendas, auxílios e donativos, mantendo em dia a escrituração da ASSOCIAÇÃO;
- b) Pagar as contas autorizadas pelo Presidente;
- c) Apresentar relatórios de receitas e despesas, sempre que forem solicitados;
- d) Apresentar ao Conselho Fiscal a escrituração da ASSOCIAÇÃO, incluindo os relatórios de desempenho financeiro e contábil e sobre as operações patrimoniais realizadas;
- e) Conservar, sob sua guarda e responsabilidade, os documentos relativos à tesouraria;
- f) Manter todo o numerário em instituição bancária pública;

Art. 22. O Conselho Fiscal será constituído por três membros, eleitos pela Assembleia Geral.

§ 1º O mandato do Conselho Fiscal será coincidente com o mandato da Diretoria;

§ 2º Em caso de vacância, o mandato será assumido por um associado eleito em Assembleia Geral.

Roberta Andrezejewski

Art. 23. Compete ao Conselho Fiscal:

- a) Examinar os livros de escrituração da ASSOCIAÇÃO;
- b) Opinar sobre os balanços e relatórios de desempenho financeiro e contábil e sobre as operações patrimoniais realizadas, emitindo pareceres para os organismos superiores da entidade;
- c) Requisitar ao Tesoureiro, a qualquer tempo, documentação comprobatória das operações econômico-financeiras realizadas pela ASSOCIAÇÃO;
- d) Acompanhar o trabalho de eventuais auditores externos independentes;
- e) Convocar extraordinariamente a Assembleia Geral;

Parágrafo Único - O Conselho Fiscal se reunirá ordinariamente a cada trimestre e, extraordinariamente, sempre que necessário.

Capítulo IV Do Patrimônio

Art. 24. O patrimônio da ASSOCIAÇÃO será constituído de bens móveis, imóveis, veículos, semoventes, ações e títulos da dívida pública entre outros.

Art. 25. Os recursos da ASSOCIAÇÃO serão adquiridos através de:

- a) Contribuições de seus colaboradores e associados.
- b) Doações, convênios com empresas públicas e privadas, nacionais e estrangeiras e arrecadações oriundas de atividades próprias;
- c) Campanhas e eventos promovidos pela ASSOCIAÇÃO.

Art. 26. No caso de dissolução da ASSOCIAÇÃO, o respectivo patrimônio líquido será transferido à outra pessoa jurídica qualificada nos termos da Lei 9.790/99, preferencialmente que tenha o mesmo objetivo social.

Art. 27. Na hipótese da ASSOCIAÇÃO obter e, posteriormente, perder, a qualificação instituída pela Lei 9.790/99, o acervo patrimonial disponível, adquirido com recursos públicos durante o período em que perdurou aquela qualificação, será contabilmente apurado e transferido a outra pessoa jurídica qualificada nos termos da mesma Lei, preferencialmente que tenha o mesmo objetivo social.

Capítulo V Da Prestação de Contas

Art. 28. A prestação de contas da ASSOCIAÇÃO observará as seguintes normas:

- a) Os princípios fundamentais de contabilidade e as Normas Brasileiras de Contabilidade;
- b) A publicidade, por qualquer meio eficaz, no encerramento do exercício fiscal, ao relatório de atividades e das demonstrações financeiras da entidade, incluindo as certidões negativas de débitos junto ao INSS e ao FGTS, colocando-os à disposição para o exame de qualquer cidadão;
- c) A realização de auditoria, inclusive por auditores externos independentes se for o caso, da aplicação dos eventuais recursos objeto de contratos e convênios públicos ou privados;
- d) A prestação de contas de todos os recursos e bens de origem pública recebidos será feita, conforme determina o parágrafo único do Art. 70 da Constituição Federal.

Capítulo VI Das Disposições Gerais

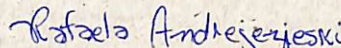
Rafaela
Andrejejeski

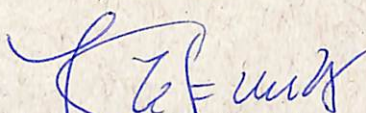
Art. 29. A ASSOCIAÇÃO será dissolvida por decisão da Assembleia Geral Extraordinária, especialmente convocada para esse fim, quando se tornar impossível a continuação de suas atividades.

Art. 30. O presente Estatuto poderá ser alterado, a qualquer tempo, por decisão da maioria absoluta dos associados, em Assembleia Geral especialmente convocada para esse fim, e entrará em vigor na data de seu registro em Cartório.

Art. 31. Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria e referendados pela Assembleia Geral.

Ponta Grossa, 20 de maio de 2024.


Rafaela Andrejezieski
Presidente


João Luiz Stefaniak
OAB/PR 16362

